

Revista

# FUTURO DO PRETERITO

NOV. 2024 - VOL. 3 - N. 6

FEUSP

## BIOGRAFIA:

Entrevista com a professora, contadora de histórias e escritora Patrícia Lessa



## CONVERSA COM QUEM MANJA - EM DOSE DUPLA:

Prof.ª Anna Claudia Ramos e Ilan Brenman

## ARTIGO ESPECIAL:

Escolas emergenciais: um paralelo entre a escola da revolução francesa e a virtualização escolar na pandemia

## PERGAMINHO DO TEMPO:

Leitura para educar e educar para a leitura: as origens e os dilemas da literatura infantil



### **Futuro do Pretérito**

(revista estudantil da FEUSP)

ISSN: 2675-455X

Publicação eletrônica (divulgação)  
Quadrimestral

### **Imagem da capa**

Ilan Breman (Arquivo pessoal)  
Ana Cláudia Ramos (Arquivo pessoal)

### **Direção Editorial**

Nickolas de Angelo Sugarava da Silva (FFLCH/USP)

### **Conselho Editorial**

Bianca dos Santos Lima (FFLCH/USP)  
Glauber Carvalho da Silva (IME/USP)  
Maria Clara Gerardi Urich (FEUSP)  
Mariana Gaia Cazassa Festa (FEUSP)  
Nickolas de Angelo Sugarava da Silva (FFLCH/USP)

### **Revisão**

Fabiana do Amaral Godioso (FEUSP)  
Giovana Luiza Carneiro (FEUSP)  
Maria Luíza Gutierrez de Camargo (FEUSP)  
Natalia Miranda Fernandes da Silva (FFLCH/USP)  
Patricia Cristina Martins Freitas (FFLCH/USP)  
Rebeca Alves Farias (FEUSP)  
Tânia Pasqualucci (FEUSP)

### **Diagramação**

Ana Larissa Porto Leite (FEUSP)  
Bruna Biselli Moraes (FEUSP)  
Juliana Leandra Silva de Oliveira (FEUSP)  
Michele Campos Silva (FEUSP)  
Nicolle Marinho Martins (FFLCH/USP)  
Marina Gonçalves Barbedo (FFLCH)  
Jennifer Souza Almeida (FFLCH)

### **Assessoria de Imprensa e Comunicação**

Bruna Biselli Moraes (FEUSP)  
Gabriela Bastos Mellone (FEUSP)  
Juliana Leandra Silva de Oliveira (FEUSP)  
Mariana Naumoff Fujii (FEUSP)

### **Apoio e Fundação**

Beatriz Hitos Silva (Alumni FEUSP)  
Giuliana Ramalho Osteti (Alumni FEUSP)  
Millena Miranda Franco (Alumni FEUSP)

### **Colaboração**

Comunicação e Mídia da FEUSP  
Direção da FEUSP

Universidade de São Paulo  
Reitor Prof. Dr. Carlos Gilberto Carlotti Junior  
Vice-reitora Profa. Dra. Maria Arminda do Nascimento  
Arruda

Faculdade de Educação  
Diretora Profa. Dra. Carlota Boto  
Vice-Diretor Prof. Dr. Valdir Heitor Barzotto

Avenida da Universidade, 308  
Cidade Universitária - Butantã  
05508-040 - São Paulo - Brasil

Escreva para a revista Futuro do Pretérito  
[revista.futuro.preterito@gmail.com](mailto:revista.futuro.preterito@gmail.com)

Visite nossa página:  
<http://www4.fe.usp.br/futurodopreterito>  
Fone : (11) 9 4545-2192

• As opiniões, hipóteses, conclusões e recomendações expressas neste material são de responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a visão do corpo editorial da revista Futuro do Pretérito.

Revista

**FUTURO DO  
PRETÉRITO**

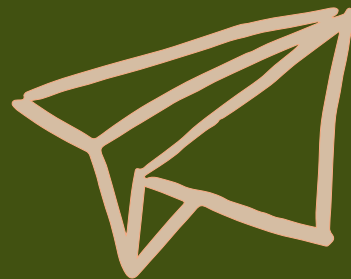
FEUSP

# SUMÁRIO

05

## APRESENTAÇÃO

Estamos muitos felizes por estar aqui!  
Esta é a primeira revista feita por  
estudantes na história da FEUSP!



07

## PERGAMINHO DO TEMPO

Literatura infantil: uma jornada pelas  
suas raízes e dilemas.

24

## CONVERSA COM QUEM MANJA

Conheça dois autores de literatura  
infantil: Anna Claudia Ramos e Ilan  
Brenman.

33

## BIOGRAFIA

Entrevista com a professora, contadora  
de histórias e escritora Patrícia Lessa

37

## FIQUE DE OLHO

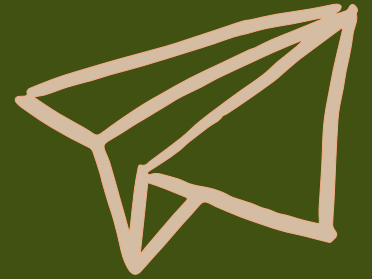
Inspire-se com nossas indicações: cultura, literatura e resistência



39

## ARTIGO ESPECIAL

Escolas em tempos de crise: lições da história e da virtualização



49

## RESENHA

O Mundo de Ocikomo!: promovendo diversidade e identidade na infância



51

## HORA DA DESPEDIDA

Entre para o nosso time! A revista é sua!





## APRESENTAÇÃO

Por: Glauber Carvalho da Silva



É com muito prazer que lançamos mais uma edição da revista estudantil Futuro do Pretérito. Não podemos esquecer de mencionar, somos uma revista produzida por estudantes com o intuito de divulgação científica. Convidamos você, querido leitor, para se aventurar nos textos produzidos, com o objetivo de discutir e se encantar sobre o mundo da Literatura Infantil.

Para começar a nossa viagem temos a seção “Pergaminho do tempo”, escrita por Bianca dos Santos Lima, sob o provocativo título “Leitura para educar e educar para a leitura: as origens e os dilemas da literatura infantil”. A proposta deste texto é inicialmente tensionar aquilo que compreendemos como Literatura a ser destinada para as crianças, problematizando também a escrita que desconsidera esses indivíduos como seres dotados de emoções e inteligência. Assim, Bianca propõe uma historicidade sobre literatura infantil, discutindo como essa produção se deu no Brasil. O que se conclui é que “literatura infantil” e “crianças” são termos situados em um contexto sociocultural, que são ressignificados ao longo da história.

Outrossim, em “Conversa com quem manja!” apresentamos a vocês duas entrevistas realizadas por Mariana Gaia Cazassa Festa com autorias de literatura infantil. Primeiramente, tem-se a conversa com Anna Claudia Ramos. A autora em questão discute sobre a impreteribilidade de acessar o mundo das crianças (em sua linguagem e modo de ser) para escrever boas histórias e saber ilustrá-las, de tal maneira que a criança leitora consiga se aproximar e se identificar com os fatos narrados. No que segue, é apresentado o diálogo com Ilan Brenman. Para o autor, a objetividade da escrita é um limitador das interpretações, portanto escrever literatura é tornar o texto subjetivo, é possibilitar que o leitor se projete na história. Dessa maneira, as duas entrevistas remontam um olhar cuidadoso sobre a produção de literatura infantil. Elas também incitam diálogos contemporâneos, como o tema da leitura digital.

Na seção “Biografia” é transcrita por Maria Clara Gerardi Urich uma entrevista realizada com a Profa. Dra. Patrícia Lessa. A proposta da conversa foi discutir os desdobramentos da leitura infantil na formação de adultos escritores. Além disso, o texto evidencia a importância do estímulo da família para a construção do gosto pela leitura: em muitos momentos Patrícia recorre à figura do pai para explicar seu encantamento pela literatura e escrita. Por fim, a biografia em questão nos convida a refletir sobre como abordar temas importantes – ainda lidos como tabus – com as crianças, para tanto a entrevistada deixa recomendações de livros a serem trabalhados com o público infantil.

Assim sendo, para melhor conhecer o universo da literatura infantil e suas possibilidades para as salas de aula, na seção “Fique de olho!”, escrita por Nickolas de Angelo Sugarava da Silva, temos outras recomendações. Em especial, é divulgado um evento chamado “Diálogos de literatura infantil e juvenil” disponível no YouTube; o conto “Nós choramos pelo Cão-Tinhoso”; o dossiê “A literatura infantil na educação em direitos humanos: fundamentos e ideologia”; e o livro “O Mundo de Ocikomo”. A leitura desta seção lhe permitirá compreender melhor do que se trata cada uma dessas indicações.

Entretanto, com a escrita de Michele Campos, a seção “Resenha” lhe dará a oportunidade de melhor conhecer a história do livro “O Mundo de Ocikomo”. Vale explicar que o autor deste livro, Henrique André, busca discutir sobre afrofuturismo nos seus escritos, promovendo a representatividade e diversidade. Acerca da história, o livro retrata uma criança negra com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A articulação proposta garante um debate sobre experiências afro-brasileiras e da neurodiversidade, de modo a incitar o respeito para com todos os indivíduos. Essa parte da revista é uma novidade quentinha para você leitor, esperamos contribuir para seu repertório de materiais de estudos, assim como para seu aporte na atuação docente. Não se esqueça que a Futuro do Pretérito é des estudantes, portanto, você também pode contribuir nos enviando resenhas de livros/textos que se enquadram na temática das edições.

Ademais, tivemos o prazer de receber o artigo “Escolas Emergenciais: Um Paralelo Entre A Escola da Revolução Francesa E A Virtualização Escolar Na Pandemia” para agregar essa edição. O texto foi escrito por Lohana Soares Passos e nos lembra da importância de sabermos nos adaptar aos novos contextos e interesses dos alunos. Com o estudo sobre a escola de Condorcet e da Educação brasileira na pandemia de COVID-19, somos convidados a pensar nos desdobramentos e intencionalidades de escolas em contextos emergenciais.

Esperamos, de coração, que a leitura na íntegra desta última publicação da Revista Futuro do Pretérito em 2024 seja muito gratificante, assim como foi para nós produzirmos. Desejamos contribuir com (des)construções sobre o tema em tela. Tenha uma ótima leitura, amade leitor! Nos vemos novamente, em breve!



# PERGAMINHO DO TEMPO

## Leitura para educar e educar para a leitura: as origens e os dilemas da literatura infantil

Bianca Dos Santos Lima<sup>1</sup>

Mencionar “literatura infantil” de súbito desperta a memória de algumas figuras e narrativas marcantes. Uma menina que segue um coelho e descobre um mundo fantástico, um príncipe originário de um pequeno asteroide que viaja por vários planetas, uma boneca de pano falante e curiosa, um menino travesso com uma panela na cabeça, uma nova cor com um nome diferente, ou até uma bolsa amarela repleta de sonhos e desejos. Esta sensação de familiaridade leva à falsa impressão de que é possível definir literatura infantil de um modo simples, uma vez que é fácil citar um de seus expoentes. Contudo, como explicar o que diferenciaria a literatura infantil da dita “Literatura”, com L maiúsculo, e sem especificação de faixa etária? Tudo aquilo que é lúdico ou fantástico só poderia pertencer ao universo infantil? A essas questões, somam-se algumas outras do poeta, cronista e contista brasileiro, Carlos Drummond de Andrade:

A partir de que ponto uma obra literária deixa de constituir alimento para o espírito da criança ou do jovem e se dirige ao espírito do adulto? Qual o bom livro para crianças, que não seja lido com interesse pelo homem feito? Qual o livro de viagens ou aventuras, destinado a adultos, que não possa ser dado a crianças, desde que vazado em linguagem simples e isento de matéria de escândalo? Observados alguns cuidados de linguagem e decência, a distinção preconceituosa se desfaz. Será a criança um ser à parte, estranho ao homem, e reclamando uma literatura também à parte? Ou será a Literatura Infantil algo de mutilado, de reduzido, de desvitalizado – porque coisa primária, fabricada na persuasão de que a imitação da infância é a própria infância? Vêm-me à lembrança as miniaturas de árvores, com que se diverte o sadismo botânico dos japoneses; não são organismos naturais e plenos; são anões vegetais. A redução do homem que a literatura infantil implica dá produtos semelhantes (Andrade, 1986, p. 591)

<sup>1</sup>Graduanda em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. E-mail: biancadslima@usp.br.

Dadas tais indagações, certos pontos primordiais destacam-se a fim de chegar ao entendimento do que é “literatura infantil”. É preciso compreender, primeiramente, o que se considera como uma criança; definição essa que não deve levar à conclusão de que existem dois seres opostos: o adulto e a criança. Ainda que exista uma diferença temática e lexical nas obras destinadas a esses dois públicos, uma não deve ser a redução da outra e ambas devem constituir “alimento para o espírito”. Essa diferença, a que Drummond refere-se por meio do adjetivo “simples”, não significa uma “facilitação” da obra – já que isso acarretaria uma redução dela –, mas sim uma adequação aos conhecimentos de cada faixa etária, considerando-se também os desafios a serem apresentados a elas.

Guiada por tais ponderações e estandartes, a 16ª edição da Pergaminho do Tempo busca traçar uma cronologia dos principais acontecimentos que envolvem a literatura infantil no Brasil e no mundo. Além disso, tendo em vista que a consolidação desse gênero está intrincada ao surgimento da Pedagogia, e sendo a FP uma revista produzida por licenciandos, a relação entre literatura e escola também será brevemente abordada. Mesmo que esta ligação entre os dois campos já consolide uma justificativa coerente para escolha do tema desta edição, soma-se a ela o fato de a literatura infantil estar “envolvida por uma capa protetora de enganos e preconceitos que, ao mesmo tempo, a diminuem intelectualmente e reprimem uma averiguação que ponha em evidência sua validade estética ou suas fraquezas ideológicas” (Zilberman, 2012, p. 5). Assim, em uma produção que ocorre durante o mês das crianças, a FP tenciona não só desfazer enganos acerca da literatura infantil, como também reafirmar sua importância na formação do sujeito e do leitor.

### **A literatura e a criança no período feudal**

Antes do século XVII, conforme Denise Escarpit (1981), não existia, propriamente, uma “literatura infantil”, destinada especificamente às crianças. Isso porque nem mesmo havia “a concepção de uma faixa etária diferenciada, com interesses próprios e necessitando de uma formação específica” (Zilberman, 2012, p. 7). As crianças, embora não tivessem poder de decisão dentro dos feudos, conviviam entre os adultos e, tão logo fosse possível, trabalhavam para a subsistência do grupo assim como os demais – sendo baixa a adesão escolar do período. O historiador Philippe Ariès (1981) chega a comparar a criança medieval, antes dos 7



anos de idade – quando começavam a aprender uma profissão –, a um “delicado bicho de estimação”, já que recebiam apenas cuidados básicos e era alto o índice de mortalidade infantil – tratada como algo rotineiro.

Quando já parte da força de trabalho do feudo, a criança tornava-se membro da vida comunitária e não havia, aparentemente, assuntos dos quais não pudesse partilhar. Desse modo, elas participavam dos jogos, festas e rodas de contação de história, por meio dos quais tomavam conhecimentos do folclore do período, o qual era “marcado pelo fatalismo, pela crença no fantástico, em poderes sobre-humanos, em pactos com o diabo e em personificações de todo tipo” (Azevedo, 1999, p. 3). Após a construção da ideia de infância como uma fase de formação, muitas dessas histórias de tradição oral – como Cinderela, Bela Adormecida, Chapeuzinho Vermelho e outras – foram adaptadas de modo a excluir passagens violentas e de cunho sexual, que antes eram apresentadas aos membros mais novos das comunidades sem qualquer censura. Percebe-se, portanto, que os “contos de fada”, atualmente reconhecidos como histórias voltadas para crianças, já pertenceram à literatura e ao imaginário geral da população medieval, sem uma distinção entre “literatura infantil” e “Literatura”.



Fonte: WALDMULLER, Ferdinand Georg. Manhã de Natal, sem data. Óleo sobre madeira.

## A literatura e a criança no século das luzes

Com a ascensão do Estado Absolutista e a dissolução das instituições feudais, a configuração familiar rumou a uma estrutura unicelular e privada, o que dialoga diretamente com o “surgimento da infância” no imaginário europeu. A fim de que o Estado centralizasse o poder e as terras, era necessário atenuar os laços de parentesco das linhagens feudais, as quais eram constituídas por grandes grupos que uniam seus bens por meio do casamento. Devido a isso, tornou-se lucrativo à Coroa incentivar núcleos familiares menores e fechados em si mesmos e, para tal, o início dos estudos pedagógicos e psicológicos revelou um pilar essencial: o reconhecimento da fragilidade e da dependência da criança. Segundo Regina Zilberman (2012, p. 27), “no século XVII, a organização [da família unicelular] é fortemente patriarcal e recebe grande influência e estímulo dos protestantes, já que os pastores entendiam a criança como um indivíduo a ser domado pela educação religiosa”. Assim, reforça-se a narrativa dos “dons naturais” da mulher, que deve, portanto, ascender dentro do ambiente doméstico e se responsabilizar pela criação e cuidado das crianças. Essas, por sua vez, tornam-se a base da vida doméstica e elemento essencial para a privatização das famílias.



Fonte: EYCK, Jan Van. O Casal Arnolfini, 1434. Tinta a óleo.

Tal revolução familiar ocorreu de forma mais lenta nas classes populares, pois gerava a perda de membros laboralmente ativos; mas interessava igualmente ao Estado na medida em que a preservação da infância significava a diminuição da mortalidade infantil e, por conseguinte, a “garantia de mão de obra futura” (Zilberman, 2012, p. 27). Por consequência, coube incentivar matrimônios baseados em preceitos morais e valores religiosos, um processo encabeçado, muitas vezes, pela Literatura: “A ficção do século XVIII [...] ao mesmo tempo que diagnostica a decadência da aristocracia tradicional (Choderlos de Laclos, Beaumarchais), qualifica positivamente aspectos relativos à vida burguesa ascendente (Henry Fielding, Diderot)” (Zilberman, 2012, p. 9). Ainda que estas diferenças sociais tenham causado um descompasso no processo de reestruturação das famílias, as novas ideias propagadas em relação à infância já permitiram que a criança fosse apartada de certos aspectos e assuntos da vida adulta. As histórias que elas ouviram também sofreram modificações, acarretando na produção efetiva de literatura especificamente destinada ao público infantil desde o fim do século XVII.

Estas narrativas fundamentavam-se em estruturas e personagens maniqueístas, pois tinham a finalidade de educar as crianças. Herdeiras da tradição oral, continham traços do fantástico, e incentivaram, no mesmo período, as primeiras fábulas e histórias de aventura, majoritariamente concluídas por alguma lição moral. Tal caráter didático deve-se, de acordo com Zilberman (2012, p. 7), ao fato de “os primeiros textos para crianças [serem] escritos por pedagogos e professoras”. Dado que a criança perdeu grande parte do seu contato com as experiências sociais, criou-se uma “lacuna referente à socialização” (Zilberman, 2012, p. 29), na qual a literatura a elas destinada passou a suprir. Soma-se a isso a obrigatoriedade do ensino escolar, que não só fortificava a ideia da infância enquanto um período que necessitava da mediação do adulto, mas também possibilitava que as camadas populares tivessem um local para deixar seus filhos enquanto iam trabalhar. Tal “degradação de origem motivou a identificação apressada da literatura infantil com a cultura de massa, com a qual compartilha a exclusão do mundo das artes” (Zilberman, 2012, p.), ideia que persiste na atualidade. Contudo, não se deve crer, erroneamente, que toda literatura infantil baseie-se na moralização das crianças, ou que não haja preocupação com a estilística textual, mas esses aspectos estavam presentes em sua origem: doutrinava-se pela literatura, partia-se da vontade de subjugar para criar o texto.

## François Fénelon, Charles Perrault e os contos de fadas

Durante a segunda metade do século XVII, os escritores franceses François Fénelon e Charles Perrault foram os principais responsáveis pelo registro e adaptação das histórias de tradição oral para as crianças – são considerados, portanto, os pais do que atualmente nomeia-se por “contos de fadas”. Ao passo que o primeiro cunhou suas obras a pedido “da duquesa de Beauviller, justamente com a função de educar moralmente as crianças, de modo particular as meninas” (Carvalho, 2015), acredita-se que havia um propósito mais literário por parte de Perrault, uma vez que seu trabalho inicial foi simplesmente dar forma às narrativas orais – sendo posteriores os cortes das partes consideradas “inadequadas” a fim de “didatizar” os textos. Dentre os escritos desses dois autores, é possível reconhecer histórias contadas nos salões franceses, fábulas de La Fontaine, além das já mencionadas histórias das comunidades feudais. Algumas delas são: “A Bela Adormecida”, “O Pequeno Polegar”, “Cinderela”, “Barba Azul”, “O Gato de Botas”, “As Fadas”, “Henrique, o Topetudo”, “Pele de Asno” e “Grisélidis”.



Fonte: VIVIEN, Joseph. Retrato de François de Salignac, século XVIII. Óleo sobre tela.



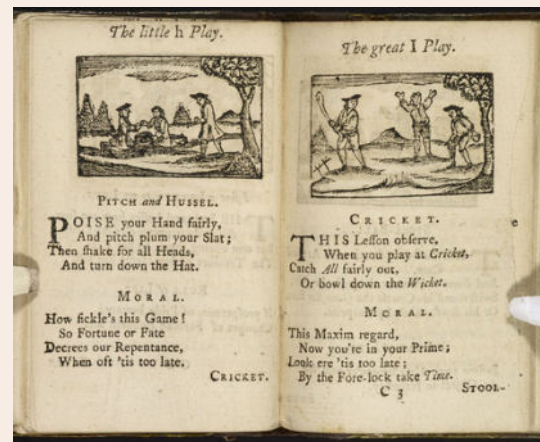
Fonte: Anônimo. Retrato de Charles Perrault, Institut de France. Óleo sobre tela.

Em decorrência de seu caráter didático, a literatura voltada para crianças gerava “o desprestígio perante o público adulto, já que este não admite o legado doutrinário que lhe transfere” (Zilberman, 2012, p. 35). Assim, quando esse gênero se aproxima do campo do fantástico – devido ao trabalho de pessoas como François Fénelon e Charles Perrault –, ele termina por “privar a literatura infantil de verismo” (Zilberman, 2012, p. 36). Contrapõem-se, portanto, a “literatura infantil” e a “Literatura” no imaginário da época, devido à visão da primeira como algo “menor”.

Para Zilberman (2012, p. 37), a presença do sobrenatural é importante em tais narrativas pois ele “ocupa as lacunas que o indivíduo necessariamente tem durante a infância, devido ao seu desconhecimento do real” – uma vez que foi apartado dessa realidade por conta da nova estrutura familiar. Exemplo disso é a própria configuração narrativa dos contos de fadas, nas quais um auxiliar com habilidades mágicas ajuda o herói a superar sua situação precária de vida. A onipotência do protagonista, segundo Dieter Richter e Johannes Merkel (apud. Zilberman, 2012, p. 37), deve-se à estratificação social fixa do período, não permitindo às camadas populares galgar novas posições. Mas, ao mesmo tempo, também mostra à criança “a significação que o ente maravilhoso, presente no conto de fadas, pode corporificar: representará o adulto onipotente, aliado e bom [...] e uma representação do estado de impotência do protagonista central e, por extensão, da criança” (Zilberman, 2012, pp. 37-38). Percebe-se, por conseguinte, a mensagem moral e doutrinária das narrativas da época.

### **John Newbery e o mercado literário infantil**

Na Inglaterra do século XVIII, mais precisamente, em 1744, o editor e escritor John Newbery inaugura a primeira livraria infantil de grande público da qual se tem notícia. Nesse período, a ideia da criança como frágil, bem como dos papéis masculinos e femininos desejados pelo Estado e pela Igreja, já estavam mais consolidados e institucionalizados. Da mesma maneira, os preceitos do que deveria constituir a “literatura infantil” – estrutura simples, enredo fantasioso, caráter didatizante, personagens maniqueístas e foco narrativo em 3ª pessoa – firmaram-se no mercado editorial, do qual Newbery fazia parte. Ele, que já publicava livros para adultos, enxergou a possibilidade de ampliar o mercado para o público infantil, concretizando-a pelo lançamento de seu livro “A Little Pretty Pocket-Book”.



Fonte: NEWBERY, John. A Little Pretty Pocket-Book, 1787.

Além de inovar ao, de fato, criar histórias para crianças – ao passo que a tendência do período era adaptar histórias “adultas” para as crianças –, Newbery também concebeu um novo tipo de projeto editorial, pois adicionou “capas ilustradas e chamativas [...] atraentes a adultos e crianças” (Lundin, 1994). Em seus mais de 500 livros editados haviam cantigas de roda, poemas, parlendas, provérbios, narrativas curtas e canções didáticas; todos em formato de edição de bolso para que o tamanho fosse acessível às crianças – mas tais livros tornaram-se também populares entre os adultos como forma de presente. Atualmente, em homenagem ao “pai das livrarias infantis”, há um prêmio estadunidense anual denominado Newbery Medal, que glorifica o maior contribuinte da literatura infantil norte-americana no ano vigente.

### Hans Christian Andersen e o Nobel da literatura infantil

Se John Newbery é o “pai das livrarias infantis”, é possível referir-se a Hans Christian Andersen enquanto o “pai da literatura infantil”, posto que o escritor dinamarquês dedicou sua vida à criação de histórias para crianças. Aos 22 anos, em 1827, “escreveu algumas histórias infantis baseadas no folclore dinamarquês para sair de uma crise financeira” (Frazão, 2021), que foram seus primeiros escritos a alcançarem grande público. Depois, entre 1835 e 1842, publicou seis volumes de contos inéditos que continham histórias como: “Soldadinho de

Chumbo”, “Patinho Feio”, “A Pequena Sereia” e “A Roupa Nova do Rei”. Segundo Frazão (2021), Andersen tinha grande apreço pelo teatro, tendo escrito, portanto, muitas peças infantis, mas foram suas narrativas curtas de influência biográfica – ainda que contendo temas universais – que o tornaram conhecido. Apesar de seu ineditismo em relação ao enredo, a estilística seguia o padrão do período: prioridade do objetivo moralizante em detrimento de atributos estéticos-literários.

Ilustração de Hans Christian Andersen



Fonte: Blog Fernanda Pompeu digital. Disponível em: <<<https://fernandapompeu.com.br/tag/hans-christian-andersen/>>>. Acesso em 20.out.2024.

Em reconhecimento a todo o seu trabalho literário, Andersen foi homenageado ao nomear o Hans Christian Andersen Award, atualmente considerado o “Nobel da literatura infantil”. O prêmio foi criado após a Segunda Guerra Mundial, na Dinamarca, para incentivar a construção de um cânone literário infantil independente da pedagogia. Realizado a cada dois anos, ele se destina ao conjunto da obra de autores com grandes contribuições à literatura infantil, abrangendo tanto escritores como ilustradores. O Brasil é o sétimo país no ranking desta premiação, sendo os ganhadores Lygia Bojunga, em 1982, Ana Maria Machado, em 2000, e Roger Mello, na categoria ilustração, em 2014 — além de vários indicados ao longo dos anos, tendo o país, então, uma tradição no Hans Christian Andersen Award. Também a data do aniversário do escritor, 2 de abril, passou a ser considerada o Dia Internacional da Literatura Infantil.



Fonte: Estadão

### Literatura infantil e o Romantismo

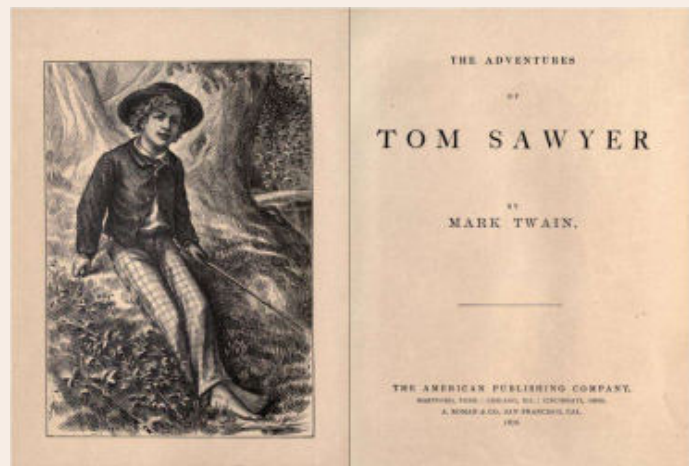
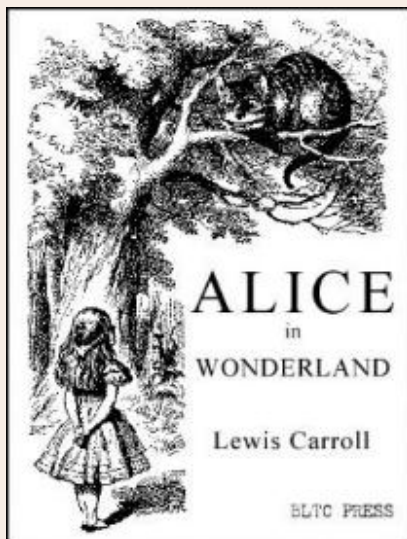
Um dos argumentos utilizados por críticos literários e escritores para questionar a atual divisão entre Literatura e literatura infantil, é o fato de esta última acompanhar as mesmas mudanças pelas quais passa a primeira — resultantes das mudanças histórico-sociais de cada período. Neste sentido, a estética Romântica parece ser o exemplo mais evidente de tal alegação, uma vez que “o século XIX, sem se desligar das correntes que herdara, criava uma nova literatura para crianças” (Bravo-Villasante, 1977, p. 86). Posto que a criança, como já explicado, sofreu um isolamento do mundo adulto, sua condição dialogava diretamente com o preceito romântico de isolamento do poeta a fim de “redespertar” de seus sentidos — contrapondo-se à hegemonia da razão no período. Assim, “seu caráter utópico [da infância] foi apregoado e difundido pelos poetas românticos [...] O *Émile*, de Jean-Jacques Rousseau, [...] sugere que seu educando seja afastado da sociedade pelo maior tempo possível” (Zilberman, 2012, p.11).

Devido a isso, segundo Carlos Manuel da Costa Teixeira (2008, p. 5), “a infância deixa de ser vista como um período que deve ser ultrapassado o mais depressa possível”, surgindo, então, o mito da infância – “vista como a idade de ouro do ser humano” –, e da adolescência – “entendida como fase vivencial de pureza e sensibilidade instintivas, que a sociedade virá a corromper”. Tais percepções impactam o mercado literário infantil à medida que se aumenta



a produção de livros destinados a esse público e passa-se a criar histórias protagonizadas por crianças – Alice no País das Maravilhas e As aventuras de Tom Sawyer, por exemplo, são publicados nesse período. Como consequência, a preocupação com a estilística textual ganha espaço neste gênero, pois a mudança do foco narrativo acarreta a reflexão sobre a linguagem que será utilizada pelo narrador, bem como a forma de organizar, descrever e contar a narrativa – afinal, cada faixa etária demonstra modos distintos de falar, enxergar e organizar o mundo. Logo, aquele gênero predominantemente didático modifica-se e começa a despontar graças a sua configuração literária – de modo análogo à Literatura canônica, que também se modificou em decorrência da idealização da infância.

Capa de “Alice no país das maravilhas”, de Lewis Carroll e contracapa de “As aventuras de Tom Sawyer”, de Mark Twain.



Fonte: Pinterest

## Literatura infantil no Brasil Independente

Antes da chegada de D. João VI ao Brasil, em 1808, era proibida a impressão de livros no país, de modo que os exemplares circulantes provinham de exportação portuguesa. Com os altos custos deste processo, a quantidade de livros era baixa, principalmente os infantis, que não gozavam de uma posição prestigiosa na cultura literária. A partir da implementação da Imprensa Régia, o Brasil inicia sua produção literária nacional e as narrativas infantis parecem encontrar-se no mesmo estado inicial de sua origem europeia: há apenas adaptações de histórias orais medievais e livros didáticos para crianças – a exemplo do *Leituras Infantis*, de 1820. Já entre 1870 e 1880, por influência dos ideais românticos, surgem “poesias para crianças e manifestações esporádicas” (Vieira, 2016c), estando a literatura infantil brasileira em uma fase ainda embrionária.

## Literatura infantil no Brasil República

Junto à Proclamação da República, em 1889, iniciou-se um processo de industrialização e escolarização do Brasil, o que daria as bases necessárias para a consolidação de sua literatura infantil. Devido ao êxodo rural, que aumentava o volume de mão de obra nas recentes indústrias do país, favoreceu-se “o aparecimento de um contingente urbano virtualmente consumidor de bens culturais, [...] [e] também as campanhas pela instrução, pela alfabetização e pela escola” (Lajolo; Zilberman, 2007, p. 27). Assim, surgem as primeiras revistas voltadas ao público infantil – como *O Tico Tico*, de 1905 –, além de livros didáticos e literários, com fins pedagógicos, produzidos pelas Editoras Quaresma e Melhoramentos. Em vez de reimpressões no Brasil de edições portuguesas, figuras como o escritor Figueiredo Pimentel e o educador Carlos Jansen produzem adaptações de histórias e contos tradicionais da literatura infantil mundial, de modo a aproximar a linguagem desses textos de seu público-alvo. Dentre as narrativas nacionais, destacam-se: *Contos infantis* (1886), de Júlia Lopes de Almeida e Adelina Lopes Vieira; *Pátria* (1889), de João Vieira de Almeida; *Por que me ufano de meu país* (1901), de Afonso Celso; e *Contos pátrios* (1904), de Olavo Bilac.

Segundo Marisa Lajolo e Regina Zilberman (2007, p. 45), a literatura infantil brasileira começa a se desvincular da escola e da propaganda nacionalista – como é possível perceber nos títulos citados anteriormente –, com as publicações de Monteiro Lobato, em 1920. Isso

não quer dizer, contudo, que não existisse um caráter moralista na obra do autor, o qual, por meio de seus personagens questionadores e ativos, visava a “encarnação do ser humano produtivo, imprescindível dentro da nova ordem a que o autor aspirava: o desenvolvimento industrial, o crescimento econômico” (Zilberman, 2012, p. 129). Ainda assim, Lobato pode ser considerado o marco inicial desse gênero no país, pois suas histórias conseguiram alguns feitos ainda inéditos: “uma realidade ficcional coincidente com a do leitor de seu tempo” – já que suas obras se passavam entre os meios rural e urbano –, mitologia autônoma, valorização do folclore nacional, emprego de crianças como heróis e a diminuição do papel do adulto, que “não exerce um poder de coerção. E, quando [o] insinua [...] acaba vítima do desafio dos pequenos protagonistas, sem que tal atitude implique desobediência” (Zilberman, 2012, p. 128). Cabe pontuar o racismo presente em muitas das obras do autor, o que faz com que, atualmente, elas devam ser trabalhadas mais criticamente, instigando os pequenos leitores a questionar tal característica.

Apesar desse aspecto, as obras de Lobato iniciaram uma nova fase da literatura infantil no Brasil, mais focada na realidade e na cultura nacional, o que inspirou autores como Viriato Corrêa e Cecília Meireles na década de 30. Depois, entre as décadas de 40 e 50, há um esvaziamento desta temática nacional em detrimento do aumento de traduções, devido à tentativa de expansão do mercado editorial brasileiro para captar um público mais assíduo. Já na década de 60, com a decadência da economia cafeeira, o ambiente urbano assume a predominância nos espaços narrativos e autores como Mário Quintana, Vinícius de Moraes e Clarice Lispector escrevem alguns títulos voltados para o público infantil. Na década seguinte, há um boom das produções infantis, com dois segmentos principais: obras multimodais como as de Ziraldo, Ana Maria Machado e Ruth Rocha; e obras de “verismo”, nos termos de Zilberman (2012, p. 177), como as da “Coleção do Pinto”, de Wander Piroli, Vivina de Assis Viana e Henry Corrêa de Araújo.

Capas de livros infantis.



Fonte: Amazon

Estas últimas tratavam de dilemas e problemáticas da vida familiar e urbana no Brasil da época, ou seja, “traziam tópicos que estavam na literatura que vinham sendo censurados e que não se podia falar, como deterioração do meio ambiente, desaparecimento de pessoas, estava tudo ali” (Vieira, 2016c). Zilberman sugere que por talvez não ter tanto destaque quanto a produção literária canônica, a literatura infantil possa ter funcionado como uma válvula de escape para tratar destes temas vetados pela ditadura. Por tal aspecto, já é possível notar uma separação entre a moralização e doutrinação antes presentes nos textos infantis, que agora até mesmo questionam certos aspectos da ordem vigente. A produção das décadas seguintes segue neste caminho, pois há uma diversidade de formatos e “não há um tema tabu, um tema que não possa ser discutido com a criança [...] além disso, a própria fragmentação da linguagem que ocorre na literatura do adulto [...] também chega à literatura infantil e à juvenil” (Vieira, 2016a).

### **Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD)**

Como bem aponta Marisa Lajolo (Vieira, 2016b), “a escola é, sem dúvida, até hoje, a grande propagadora da literatura infantil”. Isso não somente por estar intrincada ao surgimento do gênero, mas também porque – devido à realidade socioeconômica do país – é lá que a maioria das crianças brasileiras tem seu primeiro contato com a literatura. Nesse sentido, é

essencial o apoio governamental para manutenção e engrandecimento das bibliotecas escolares. A primeira organização criada para tal fim foi a Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD), em 1938, visando a regular a produção e circulação de livros didáticos e infantis no país. A partir dela, foi criado em 1985 o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), renomeado em 2017 como Programa Nacional do Livro e do Material Didático, por incluir também a literatura. Ele visa incentivar a leitura e a atitude investigativa das crianças e, para tal, são escolhidos livros infantis em circulação – diferentemente do que ocorria nos anos iniciais da literatura infantil, quando os livros eram produzidos em função da escola. Assim, é possível utilizar o livro literário como uma ferramenta que apresenta à criança diferentes visões de mundo, de modo a ampliar a sua própria, e não como mero instrumento para ensino de conteúdos curriculares.

Por fim, a partir do panorama apresentado, é possível perceber que, tanto a noção de “criança” como a de “literatura infantil” são variáveis a depender do contexto sociocultural e da época. Mas, é inegável que, com a dissociação da produção literária e da pedagogia, a literatura infantil encontra mais liberdades, o que permite embaçar os limites entre ela e a Literatura canônica. Logo, retomando a citação de Drummond do começo desta coluna, com autonomia de escrita, qualquer conteúdo que sirva de alimento ao espírito infantil, também servirá ao do homem feito. Entretanto, é errôneo concluir que a Educação deva, então, abrir mão da literatura. Deve, na verdade, apropriar-se dela em vez de subjugar-lá a seus interesses; educar para a leitura – dos livros, das situações e das culturas – e não para apenas ler, como um dos métodos de se ensinar um conteúdo. A literatura infantil é, portanto, “essa possibilidade de superação de um estreitamento de origem [...]. Aproveitada na sala de aula em sua natureza ficcional, [...] ela se apresenta como o elemento propulsor que levará a escola à ruptura com a educação contraditória e tradicional” (Zilberman, 2012, p. 22).

## BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Carlos Drummond de. "Literatura infantil". In: Confissões de Minas. Rio de Janeiro: Editora Aguillar, 1964.

ARIÈS, Phillipe. História social da criança e da família. 2ª ed. Trad. Dora Flaksman. Rio de Janeiro, Guanabara, 1981.

AZEVEDO, Ricardo. "Literatura infantil: origens, visões da infância e certos traços populares". Presença Pedagógica. Belo Horizonte: Editora Dimensão, n. 27 - mai./ jun. 1999.

BRAVO-VILLASANTE, C. História da Literatura Infantil Universal (vol. I). Lisboa: Editorial Veja, 1977.

CARVALHO, Alexandre. "Literatura infantil, revisitando suas origens". Portal Paulus, 2015. Disponível em: < <https://www.paulus.com.br/portal/literatura-infantil-revisitando-suas-origens/> >. Acesso em 25 de setembro de 2024.

ESCARPIT, Denise. La literatura infantil y juvenil en Europa. Trad. Diana Flores, México, Fondo de Cultura Económica, 1981.

FRAZÃO, Dilva. "Hans Christian Andersen". E-biografia, 2021 Disponível em: < [https://www.ebiografia.com/hans\\_christian\\_andersen/](https://www.ebiografia.com/hans_christian_andersen/) >. Acesso em 20 de setembro de 2024.

GINDRÍ, Valentina. "Brasil é o único país com dois finalistas no renomado prêmio Hans Christian Andersen de literatura infantil". Jornal Brasil de Fato, 2024. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2024/03/04/brasil-e-o-unico-pais-com-dois-finalistas-no-renomado-premio-hans-christian-andersen-de-literatura-infantil>>. Acesso em 27 de setembro de 2024.

"Histórico". Portal Gov.br, 2021. Disponível em: < ANDRADE, Carlos Drummond de. "Literatura infantil". In: Confissões de Minas. Rio de Janeiro: Editora Aguillar, 1964.

ARIÈS, Phillipe. História social da criança e da família. 2ª ed. Trad. Dora Flaksman. Rio de Janeiro, Guanabara, 1981.

AZEVEDO, Ricardo. "Literatura infantil: origens, visões da infância e certos traços populares". Presença Pedagógica. Belo Horizonte: Editora Dimensão, n. 27 - mai./ jun. 1999.

BRAVO-VILLASANTE, C. História da Literatura Infantil Universal (vol. I). Lisboa: Editorial Veja, 1977.

CARVALHO, Alexandre. "Literatura infantil, revisitando suas origens". Portal Paulus, 2015. Disponível em: < <https://www.paulus.com.br/portal/literatura-infantil-revisitando-suas-origens/> >. Acesso em 25 de setembro de 2024.

ESCARPIT, Denise. *La literatura infantil y juvenil en Europa*. Trad. Diana Flores, México, Fondo de Cultura Económica, 1981.

FRAZÃO, Dilva. "Hans Christian Andersen". E-biografia, 2021. Disponível em: <[https://www.ebiografia.com/hans\\_christian\\_andersen/](https://www.ebiografia.com/hans_christian_andersen/)>. Acesso em 20 de setembro de 2024.

GINDRI, Valentina. "Brasil é o único país com dois finalistas no renomado prêmio Hans Christian Andersen de literatura infantil". *Jornal Brasil de Fato*, 2024. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2024/03/04/brasil-e-o-unico-pais-com-dois-finalistas-no-renomado-premio-hans-christian-andersen-de-literatura-infantil>>. Acesso em 27 de setembro de 2024.

.>. Acesso em 02 de outubro de 2024.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. *Literatura infantil brasileira: Histórias e histórias*. São Paulo: Editora Ática, 2007.

LUNDIN, Anne H. (1994). "Victorian Horizons: The Reception of Children's Books in England and America, 1880–1900". *The Library Quarterly*. 64. The University of Chicago Press: 30–59.

TEIXEIRA, Carlos Manoel da. "Os contos de H. C. Andersen: uma visão romântica da infância". *Actas do 7.º Encontro Nacional / 5º Internacional de Investigação em Leitura, Literatura Infantil e Ilustração Braga: Universidade do Minho, Outubro de 2008*. Disponível em: <[https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/5045/1/Os%20Contos%20de%20H.%20C.%20Andersen%20-%20uma%20vis%C3%A3o%20rom%C3%A2ntica%20da%20inf%C3%A2ncia\\_carlosteixeira.pdf](https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/5045/1/Os%20Contos%20de%20H.%20C.%20Andersen%20-%20uma%20vis%C3%A3o%20rom%C3%A2ntica%20da%20inf%C3%A2ncia_carlosteixeira.pdf)>. Acesso em 30 de setembro de 2024.

VIEIRA, Natália. "Entrevista com Alice Áurea Penteadó Martha". Portal Ceale UFMG, 2016a. Disponível em: <<https://www.ceale.fae.ufmg.br/pages/view/entrevista-com-alice-aurea-penteadó-martha.html>>. Acesso em 20 de setembro de 2024.

VIEIRA, Natália. "Entrevista com Marisa Lajolo". Portal Ceale UFMG, 2016b. Disponível em: <<https://www.ceale.fae.ufmg.br/entrevista-com-marisa-lajolo>>. Acesso em 20 de setembro de 2024.

VIEIRA, Natália. "Entrevista com Regina Zilberman". Portal Ceale UFMG, 2016c. Disponível em: <<https://www.ceale.fae.ufmg.br/entrevista-com-regina-zilberman>>. Acesso em 20 de setembro de 2024.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 1ª ed. digital. São Paulo: Global, 2012.

# Conversa com quem manja!

Por: Mariana Gaia Cazassa Festa

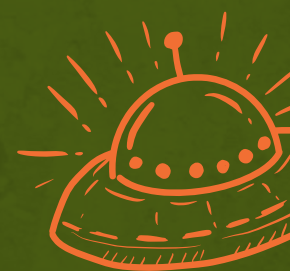
Nesta edição, recebemos dois autores de literatura infantil: Anna Claudia Ramos e Ilan Brenman. Anna Claudia Ramos é uma referência em literatura infantojuvenil no Brasil, com uma carreira que inclui graduação em Letras pela PUC-RJ, mestrado em Ciência da Literatura e Literatura Infantojuvenil pela UFRJ, e atuações internacionais em feiras literárias e oficinas.

## Entrevista com Anna Claudia Ramos

**Entrevistadora: Anna, muito obrigada mais uma vez por estar conosco! Você tem obras incríveis, que tratam questões intrínsecas ao universo emocional infantil de forma envolvente ao público infantojuvenil com um tato sensível e humano, mantendo a voz e o protagonismo infantil. Como se dá esse processo?**

Anna: Eu que agradeço, Mariana! Essa pergunta responde exatamente quem sou eu! Eu acho que consigo fazer isso porque é como se eu conseguisse entrar na cabeça da criança, é como se eu me lembrasse da criança que eu fui, que ainda está dentro de mim e eu ainda consigo acessá-la. Porque eu me tornei uma adulta, mas não me esqueci como eu era quando criança. Eu não me esqueci de como eu olhava para o

mundo e via essas questões. Depois passei pela adolescência e era exatamente a mesma coisa. Então tem muitos jovens que lêem livros meus e falam “Cara! Como você entrou na nossa cabeça?” e eu falo “gente, vocês esquecem que eu já fui jovem?”. O que muda hoje é o cenário, mas as questões humanas ainda estão ali. E ao mesmo tempo que tenho essa facilidade, tem muito estudo também sobre a alma da criança, sobre a psicologia da infância, tem uma observação profunda. Eu agora não estou mais dando aula, mas eu sou formada, sou professora. Eu fiquei dez anos trabalhando em uma escola, dentro da biblioteca, dando aula de literatura infantojuvenil do maternalzinho até o Ensino Médio, e isso me deu uma experiência mostra de entender o que funcionava e o que não funcionava. Eu pegava o mesmo livro e lia para idades






diferentes, e ali era o meu grande laboratório! Foi um período muito bonito da minha vida.

E ao mesmo tempo, eu acho que existe uma questão que passa por toda a produção da literatura infantil. Hoje, a gente fala que “se escreve para as infâncias”. De fato, a gente escreve para as infâncias. Mas eu acho que quando a gente escreve literatura infantil, a infância primeira precisa ser a da criança, não a sua e nem a minha, “a infância que mora dentro do adulto.” O adulto vai acessar a literatura infantil, porque se a literatura é boa ela é para qualquer idade, mas ela começa na infância, e precisa começar na infância. Quando tratamos de assuntos da vida como perda, morte, abuso, separação de pais, os grandes temas humanos, a gente precisa trabalhar esse tema dentro do olhar da infância.

Então, às vezes temos livros belíssimos, o texto é lindo, a ilustração é linda, o projeto gráfico é impecável, mas ele não acessa a criança. Ele acessa a criança que mora dentro do adulto, porque nós, como adultos, já desenvolvemos formas de lidar com a depressão, a passagem do tempo e diversas questões que as crianças entendem de outra maneira. É preciso entender como funciona a cabeça de uma criança, para que se você estiver escrevendo um narrador criança, pensar como criança. Ter qualidade literária na sua escrita, porque é para isso que se estuda e pesquisa, mas se você vai escrever para a criança, toda a questão precisa acessar o infantil.

Tem muitos livros infantis premiados, super badalados, mas que muitas vezes a criança não entra no livro. Eu acho que deveríamos criar uma categoria chamada “Narrativas curtas ilustradas para adultos”, porque aí sim você consegue contar a história que você quer, de adulto para adulto. A leda de Oliveira tem um livro bárbaro chamado “O contrato de comunicação da literatura infantil e juvenil”, e ela diz que o que rege essa comunicação é contratual. Então sou eu, uma adulta, que vou estabelecer um contrato de comunicação com uma criança. Olha quantas coisas eu preciso trabalhar dentro de mim: uma margem de manobra da linguagem acessível para a criança, uma margem de manobra para trabalhar determinados temas. Você precisa passar pelo olhar da criança. Eu tenho um livro chamado “Bisa e as botas de dinossauro”, que fala sobre a morte, e a narradora é uma criança que tem por volta dos seus 6 anos de idade, está naquele limite entre o imaginário e a realidade. Ela está vendo a morte de um jeito completamente diferente. Ela olha e fala “não sei porque meu pai chora tanto cada vez que eu falo alguma coisa!”, ela não entende porque a Bisa está em uma viagem intergaláctica, se alimentando pela árvore de soros e falando esquisito, porque no espaço os astronautas de alimentam dessa maneira. Está dentro do imaginário da criança, ela vai perceber o mundo de outra maneira. A lógica da criança não é a lógica do adulto, e isso precisa ficar muito claro. Não adianta chegar em uma criança pequenininha, que não entende metáfora, e falar que se ela engolir um caroço de laranja,





vai crescer um pé de laranja na barriga dela. A criança vai ficar desesperada! A criança é literal, ela coloca uma roupa de super-herói, e se torna o super-herói. Ela vestiu a roupa e agora é o personagem, e a gente também precisa acessar isso quando vamos escrever para a criança, sob o ponto de vista da criança. O que me incomoda sobremaneira é quando eu vejo um narrador de 6 anos, por exemplo, falando como se fosse um adulto. Tudo bem, ele pode ter uma linguagem mais elaborada, mas ele é, então, um personagem diferenciado. E aquela personagem diferenciada tem que aparecer: por que ela tem aquela linguagem? O que leva ela a funcionar daquela maneira? Porque não é usual. Então precisamos criar essa lógica na história.


Tem uma coisa bonita que o Umberto [Eco] fala no pós-escrito “O nome da Rosa”, que todas as histórias podem ser ilógicas, mas o ilógico tem que ter lógica. Uma lógica que se sustente. Não é só o faz de conta, ele tem uma lógica.

**Entrevistadora: Essa questão da identificação é bem íntima na sua escrita, e é nítido o diálogo entre texto e ilustração é fundamental para potencializar a mensagem. Como ocorre essa integração no processo criativo?**

Anna: cada livro é um livro, Mariana. Às vezes você quer algo que o ilustrador resolva na ilustração, você vai grifar isso para ele.

Eu gosto sempre de poder conversar com o ilustrador. Sobretudo em textos para crianças muito pequenas, cada vez mais a gente deixa de contar no texto para que a ilustração conte. Por exemplo, meu livro “Tenho medo do monstro”, ele ficou 11 anos entre a primeira versão e sua publicação. Na primeira versão, o monstro era nomeado, as crianças eram nomeadas e a mãe era enfermeira. Ele nasceu de um pedido de uma editora para falar de abuso para crianças bem pequenas, mas “sem falar”. Escrevi, entreguei, e a cúpula da editora barrou, isso no final de 2011. O texto ficou parado, depois fizemos algumas alterações e divisões, chamamos a Anielizabeth, que estava indo para Sarmede, uma escola de ilustração na Itália, e falamos “leva esse texto com você!”. A Ani começou todo um trabalho de experimentos, mas o trabalho ainda ficou parado. Durante a pandemia, mostramos para o Sergio Alves, dono da editora Caraminhoca, muito nosso amigo, mas não mostramos pedindo para ele fazer, pois sabíamos que a Caraminhoca era uma editora pequena, e esse era um livro ousado. Mas quando ele leu, falou “vamos fazer!”

Nos reunimos no sítio dele durante a pandemia, eu, ele, Anie, Paulinho [Paulo Otero] e a Liza. Foi um projeto muito pensado por todo mundo, com muita fotografia, muita ilustração. Eu tirei coisas do texto, como naquele momento da explosão de vermelho, eu tirei a parte que o menino dizia que tinha sangue no lençol, e deixei a ilustração contar. E o monstro está no olhar do menino, que é o narrador.



Mais uma vez eu opto por um narrador criança, nos seus 8 anos, que ainda acredita que ao se esconder debaixo da coberta, ninguém vai encontrar ele, que tapa os ouvidos e quer que a irmã se esconda também, com toda sua ingenuidade. Essa criança não entendeu totalmente o monstro, mas a menininha entendeu, e o adulto entendeu muito bem. É um livro de muitas camadas. Talvez se você ler esse livro para uma criança muito pequena, ela imagine um monstro imaginário. Isso é bonito na história, poder falar do seu ponto de vista. Uma criança maior já vai entender muito bem aquele tipo de monstro, e ao não ser nomeado, porque tiramos o nome dos personagens e a profissão da mãe: ela só trabalha à noite. As crianças podem ser quaisquer crianças, e o monstro pode ser qualquer monstro, qualquer pessoa. Isso amplia o repertório, e o ilustrador é o primeiro interpretador do texto. Ele vai interpretar o texto com imagens, e nós já viramos a página da história de quando a ilustração era uma mera reprodução, hoje ela soma com o texto, e muitas vezes ela está contando o que o texto suprimiu.

No meu livro "A fada bebê", tem uma família que a mãe é branca, o pai é preto e os irmãos gêmeos: a menininha é preta e o menino é branco. Eu não queria dizer isso no texto, e eu pedi à ilustradora uma família multicolorida, com fada de todas as cores, inclusive quero que a fada principal seja preta.

**Entrevistadora: E com toda essa questão da identificação, a gente pode ressaltar as gerações que cresceram com a sua literatura, e eu me incluo nela. Como você vê a evolução da literatura para crianças ao longo dos anos?**

Anna: Na pandemia, as crianças e os adolescentes ficaram isolados, e a convivência é muito importante. Se as famílias de hoje não tiverem um olhar atento de que é preciso ter um tempo para estar com as crianças, elas vão perder, como já estão perdendo. A gente tem um alto grau de questões de saúde mental, de crianças e jovens sendo medicalizados, que talvez não precisasse, não sou contra nenhum tipo de medicação se ela for necessária, mas acho que tem uma coisa excessiva hoje, porque educar dá trabalho. Educar pede um trabalho diário, um olhar muito atento para aquela criança, para aquele jovem, para que você possa trazer esse jovem para você. Dizer, portanto, que as crianças e os jovens não leem. De que criança você está falando? De que jovem você está falando? Tem uma pena de adultos que não leem. Uma vez me perguntaram: "você acha que a internet afasta o jovem da leitura?", e eu respondi com outra pergunta: "você acha que eles já estiveram próximos para serem afastados?" Porque se eles não estão perto da leitura, não é a internet que vai afastar. Quem gosta de ler, vai ler no Kindle, no aplicativo, um e-book... e está tudo bem. A plataforma que você vai ler é um problema seu, não do outro. Eu ainda gosto do livro físico! Aqui em casa cada um tem seu Kindle, mas não é a

mesma coisa... eu adoro livro que você rabisca! Essa questão, então, não é a diferença de escrever para o jovem de antes da pandemia, por exemplo, ou o que está nascendo agora. A questão é: como estamos lidando com as crianças? A gente está só jogando um smartphonezinho para a criança ficar quieta, ou a gente vai contar uma história para ela? Vou voltar para uma questão que para mim sempre é muito cara: quando falamos de humanidade, é sempre a mesma. Atemporal. A dor da perda, da morte, a dor de um abuso ou a separação dos amigos porque mudou de cidade... a única diferença é que hoje temos cenários diferentes. Se eu me mudasse na minha infância, talvez perdesse meus amigos. Não tinha celular, telefone fixo era caríssimo, a não ser que eu escrevesse cartas. Isso é da minha geração! Eu lembro que viajava para Ouro Preto, todo mundo apaixonado, e com muitas cartas! Tenho muitas guardadas até hoje. Então hoje é um cenário diferente, mas um cenário que exige um retorno dos adultos a um presencial para estar com suas crianças. As pessoas amam ouvir histórias! Você pode não ter dado o pulo do gato de ser ouvinte e se tornar leitor, são coisas diferentes. Você vai para um lançamento de livro infantil em uma livraria, os adultos param para ouvir. Nós somos feitos de histórias e narrativas.

**Entrevistadora: Anna, é incrível te ouvir falar! Obrigada mais uma vez! Você quer deixar um recado para os leitores da revista?**

Anna: Ah! Eu trabalho com oficinas literárias, e eu recebo muita gente me pedindo ajuda. E muitas vezes as pessoas chegam com uma ideia equivocada do que seja escrever para criança: acha que é simples, e não é. Então, eu diria para as pessoas que querem mergulhar nesse universo, que procurem participar de grupos, oficinas, estudem e aprendam estrutura de narrativa. Em nada se difere fazer literatura infantil em termos de estrutura narrativa. O que vale para literatura vale para qualquer literatura. Aprender a compor bem personagem, narrador, tempo e espaço da narrativa, seja para uma criança muito pequena ou para um adulto. Então, aprendam sobre isso, e com certeza vão conseguir escrever cada vez melhor.

E um recado para pais e professores: leiam sempre com as crianças. Frequentem livrarias, bibliotecas, montem um acervo para essa criança, não doe ou jogue fora o livro porque ela cresceu. Muitas vezes vou autografar em escolas, e os livros estão com o nome de alguém do ano passado. Eu tenho meus livros divisores de águas desde a infância que minha mãe guardou, e eu guardo os livros dos meus filhos, e seus preferidos estão aqui até hoje a não ser que eles próprios se desfaçam! Vivam esse mundo de compreender a lógica da criança. Respeitem a criança no seu sentimento de ser criança.

Claro, ela precisa de limites, educação, pulso firme, orientação... mas ela precisa ser escutada e respeitada na sua dor, no seu

silêncio, no seu vazio. Vamos parar de achar que criança não sente. Se não queremos mais perder nenhum jovem para o suicídio, tratemos de ouví-los. E perguntar o porquê de estarem fazendo isso. Onde estamos falhando?

Ah! E leiam o livro "Quando eu voltar a ser criança", de Janusz Korczak, se quiser entender a alma da criança, esse é um excelente livro para compreender o que é ser criança num mundo regido pelos adultos.



Anna Claudia Ramos



Ilan Brenman é amplamente reconhecido por suas contribuições à literatura infantil, com mais de 80 livros publicados e um impacto significativo tanto no Brasil quanto no exterior. É Mestre e Doutor em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

Vamos explorar o processo criativo e as abordagens de ambos em relação à literatura infantil.

### Entrevista com Ilan Brenman

**Entrevistadora: Ilan, é um prazer tê-lo conosco. Muito obrigada! Você é amplamente reconhecido como um dos maiores autores de literatura infantil do Brasil e escreve há mais de 20 anos, com mais de 80 títulos publicados, com passagem aqui pela FEUSP. Como você vê a mudança na literatura infantil ao longo dos anos? Isso influencia seu trabalho como autor contemporâneo?**


Ilan: É um prazer! Eu escrevo há quase 30 anos, e repito isso já faz muito tempo: tem questões muito profundas da infância que não mudam, e por isso que as crianças continuam gostando, por exemplo, dos mesmos temas. As temáticas de filmes, livros, teatros, mesmo nos videogames, são muito parecidas. A mudança é ambiental, muito mais tecnológico, eu faço grandes críticas a esse mundo virtual roubando o tempo da criança, ele rouba o que tem de mais precioso que é o tempo da infância, e mesmo esses conteúdos digitais sabem que o que a criança tem por dentro não mudou muito. Então a literatura infantil que eu acredito dialoga exatamente com a natureza humana da complexidade, e a literatura que eu gosto de ler também para criança junto com os autores é aquela que considera a

criança um ser muito inteligente, muito sensível, que não subestima a capacidade de compreensão emocional da criança. É evidente que mentalmente a criança está evoluindo, a parte cognitiva está se desenvolvendo, e a literatura para criança tem que ter essa compreensão. Você não vai escrever como Machado de Assis para uma criança de 3 anos. Mas essa criança de 3 anos tem muitos sentimentos internos que precisam ser nomeados, e não escondidos. Eu te diria, portanto, que nos últimos 20 anos a literatura que eu acredito não mudou muito. Fora a questão gráfica, são projetos gráficos mais sofisticados, ficou mais barato. Talvez isso, não o conteúdo em si.


**Entrevistadora: E você aborda temas universais e transversais ao tempo de maneira que se tornam relevantes para crianças de diferentes contextos e idades. Como você se aproxima e entende essas experiências para incorporá-las de forma autêntica em suas histórias, transcrevendo uma voz infantil íntima para o leitor?**

Ilan: Eu te confesso que isso não é algo muito racional, o racional vem depois.






Eu chamo isso em inglês de *punch*, o “soco de criação”. Vem a ideia, que pode nascer de diversas formas, e a partir daí vem a razão que vai ser desenvolvida. O *punch* inicial não é muito controlado, não penso muito na idade do leitor, não penso muito na temática. Tenho raros livros, são mais de 80 livros, e é muito raro você encontrar um livro que eu fale “quero abordar este tema”. A maioria são livros de nascimento de dentro para fora, ou de fora para dentro, mas um fora do cotidiano, de coisas pequenas. Uma observação atenta e minuciosa do meu entorno. Por exemplo, estou falando com você agora e está passando uma fileirinha de formigas. Isso chama minha atenção e começo a imaginar para onde estão indo, penso no sindicato de formigas, que eu não dou açúcar o suficiente, uma gritando que é diabética. Acabei de inventar isso! E aí falo sobre os temas: podemos falar de coletividade, do individual, de saúde... mas eu não pensei nisso. Foi nascendo. E o leitor e a editora se apropriam do meu texto.




Quanto menos objetivo uma literatura tem, mais ela se abre para interpretações. Mais as pessoas abraçam o tema e cada um acredita que eu escrevi para ela. Para mim, isso é o ápice da qualidade literária. As pessoas abraçam os livros e falam “Ilan, parece que você escreveu esse livro para mim”. E quando eu conheço a pessoa na intimidade, eu conto que o livro nasceu de uma forma completamente diferente, e fico muito feliz que você abraçou, porque é um livro bom, que permite que você se projete.



E essa é a função da arte. Quanto mais hermética for, por exemplo: quero escrever sobre a evolução das formigas. Vou estudar a evolução da formiga, todo um trabalho sobre esse tema e vou criar uma história para falar das formigas como agentes importantes na polinização. Legal, nada contra, mas é um texto fechado, e hermético. Faz parte, mas não é minha praia. Você lê aquilo e entende, pronto. Já se eu começar a desenvolver a história das formiguinhas, com a fila e o diabético, se torna subjetivo. Literatura é isso, você pode projetar e se colocar.

**Entrevistadora:** **Existe algum personagem específico que surgiu a partir de uma experiência ou emoção infantil real?**

Ilan: Sim, cada um tem o seu percurso. Esse é o meu, o que eu me encontrei, que os leitores me dizem que é um percurso que eu não errei. Quando um livro nasce de algo singelo, ele bate com meu mundo interno. Eu falo da minha infância sem pensar nela. Minhas questões, problemáticas que eu nem sei que tenho, eu sou um ser vivo e imperfeito. A literatura nesse sentido é imperfeita quanto a manifestação. Eu não gosto das perfeições, porque o mundo não é perfeito nem para as crianças, mas sempre tem um tom. Um mundo de esperança, não faço livros existencialistas.



Eu tento mostrar uma certa imperfeição e realidade, mas sempre amarro bem no final. Tem um livro que se chama “A Espera”,

foi finalista Jabuti, que aborda tristeza e luto, mas eu encerro o livro de forma poética, porque eu sou assim também. Eu amarro a tristeza falando para a criança. Tem tristeza na vida, mas a vida continua, e podemos ver sua beleza ainda sim. Força e resiste que você pode ir para frente. Não deixo de falar desse tema.

Talvez o livro que eu mais me exponha de forma direta, de forma consciente, é "A menina furacão e o menino esponja", que tem muito de mim quando criança. É traduzido em vários idiomas, e faz sucesso entre as crianças e os adultos também.

Mas eu coloco uma parte de mim em cada livro, que eu nem quero saber que parte é essa às vezes!

**Entrevistadora: Ilan, como voz experiente na literatura nacional e internacional, como você vê o futuro dos livros infantis?**

Ilan: Eu nunca tive tanta certeza que a literatura para criança vai ficar cada vez mais fortalecida, vai vender mais e vai ter mais demanda exatamente porque o mundo digital está devastando almas e mentes infantis. Tem uma epidemia de falta de atenção, de distração, a linguagem digital é muito pobre, ansiógena. Ela não tem começo, meio e fim, além de questões fisiológicas e afetivas. Como consequência, 30% das escolas no Brasil estão banindo celulares para crianças pequenas. Isso era zero, foi para 30% e chegará a 100% em algum momento, porque faz mal.

Você tem que comer direito. Pode comer porcaria, mas precisa comer direito. Não podemos tornar as crianças analfabetas digitais, também. Então, comer bem no mundo da arte será a literatura de papel. Isso já começou a se mostrar com força lá fora, e aqui sempre chegamos atrasados. O Brasil demora muito para reagir, mas estamos reagindo. Eu vejo com muita esperança e otimismo o papel da literatura de papel para crianças no mundo contemporâneo.



**Ilan Brenman**



# Biografia



**Patrícia Lessa é professora, contadora de histórias e escritora. Nesta entrevista, vamos entender se o hábito da leitura na infância influencia a formação de adultos escritores e como trazer temáticas vistas como maduras para o público infantil.**

**Entrevistadora:** Boa tarde, Patrícia! Muito obrigada por ter aceitado participar desta entrevista. É sempre uma honra conversar com escritores e professores, são conversas que agregam e encantam. Você pode nos contar um pouco sobre sua jornada acadêmica e pessoal?

**Patrícia:** Primeiramente, eu gostaria de te agradecer e parabenizar por este trabalho de divulgação científica. Eu sou graduada em História e em Educação Física, tenho um mestrado em Educação pela Unicamp e um doutorado em História pela UNB. Também fiz um pós-doutorado em Letras.

A minha formação é muito interdisciplinar, eu sempre gostei da produção escrita, acadêmica mesmo. Atualmente, eu trabalho no curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá, a UEM. E essa é a cidade em que vivo agora, mas eu sou do Rio Grande do Sul, de Pelotas.

**Entrevistadora:** Perfeito, agora eu gostaria de saber mais sobre a sua infância. Como era sua relação com a leitura? Você era uma criança leitora ou tinha interesse em outras atividades?

**Patrícia:** Eu era uma criança muito agitada, mas também gostava de ler, era uma atividade muito presente na minha família. Eu vou participar de uma coletânea com outros autores gaúchos que vão abordar a alfabetização literária e lá eu falo sobre esse encontro com os livros e como isso vem a partir da família. O meu pai, mesmo sendo veterinário, recitava poesia para mim e para o meu irmão, ele sempre gostou disso.

A minha avó paterna também tinha uma estante de livros em casa e eu brincava nessa estante, dizendo que era uma escritora e inventava histórias. Pelo lado materno, o meu avô também contava histórias, ele era primo do Barbosa Lessa e contava muitos contos dele.

Então, eu fui muito estimulada pela minha família. O meu pai assinava uma coleção para mim e para meu irmão e eu também lia e bisbilhotava muitos dos livros dele de veterinária, sem contar os gibis. Naquela época não era tão comum ter livro infantil em casa, mas eu também fui amadurecendo e me interessando pelos romances, suspenses, pela literatura brasileira. Eu amava Clarice Lispector, por exemplo.

Durante minha adolescência, meu pai também assinou o *Círculo do Livro*, que era como um clube do livro por assinatura e meus pais sempre olhavam e analisavam esses livros que estavam chegando para mim. Eu também fazia muita pesquisa a partir das enciclopédias, então esse acesso também me fez descobrir e me interessar por diversos assuntos.

**Entrevistadora:** E você sente que ter sido essa criança e adolescente leitora influenciou essa tomada de decisão de ser uma escritora, inicialmente no âmbito acadêmico e posteriormente no infantil?

**Patrícia:** Mais uma vez, há uma influência muito grande do meu pai. Ele me incentivou a fazer Educação Física, eu queria fazer Medicina Veterinária, mas ele me conhecia muito bem e entendeu que Educação Física combinava muito comigo. Foi durante a faculdade que me encantei com a área de Ciências Humanas, eu adorava escrever relatórios. Assim, eu percebi que seguir a carreira acadêmica faria com que eu pudesse escrever e dar aulas.

**Entrevistadora:** E como foi essa transição entre escrever para adultos e escrever para crianças? Há muita diferença na forma de dialogar com esses públicos?

**Patrícia:** Eu nunca perdi o contato com as crianças, por conta dos projetos que fiz na faculdade e principalmente pelo meu projeto de contação de histórias para crianças periféricas. E eu também sempre fui muito contra a escrita rebuscada, acho importante escrever de modo a aproximar a ciência do povo, de uma maneira que as pessoas entendam e sejam alcançadas.

Assim, durante a pandemia, eu estava sozinha na área rural e decidi escrever um livro infantil. A partir disso, o "Resgate do Touro Vermelho" foi lançado. Como eu via patos, galinhas, vacas e cavalos todos os dias, fui influenciada a escrever sobre o tema.

Esse livro é sobre um touro que é raptado durante uma viagem com sua família e é levado para o abatedouro, então o livro conta a aventura que é ele fugir de lá e encontrar sua família novamente. É um livro que debate o veganismo e a libertação animal.

Por conta da produção acadêmica, eu acabo não tendo tanto tempo para produzir literatura infantil, mas esse ano lancei livros junto da coleção *Lute como uma Garota*, sobre a Maria Lacerda e a Nise da Silveira. E eu pretendo continuar escrevendo outras histórias, intercalando com a escrita acadêmica.

**Entrevistadora:** Muito interessante a temática de seus livros. Temas como veganismo e saúde mental ainda são vistos como tabus por muitos adultos, como se não dissessem respeito às crianças, então como é trazer isso para o público infantil? Há uma adaptação? Se sim, como é feita?

**Patrícia:** O que me ajudou foi ter contato com a literatura infantil pelo mundo afora. Eu tenho uma estante repleta de livros para crianças, livros que são meus. Fui em uma livraria francesa e na ala infanto-juvenil tinha diversos livros sobre transexualidade, lesbianismo, com a temática *queer* e eu sinto que no Brasil está acontecendo esse crescimento de publicações diversas, publicações de alta qualidade. É inegável o crescimento da literatura infantil no nosso país.

Antigamente, a morte era um tabu, e hoje em dia temos muitos livros que falam e ajudam a trabalhar esse tema. E eu acho que o trabalho do ilustrador auxilia muito o processo de adaptação e sensibilização do tema. Outro ponto importante, é misturar estas temáticas com a ficção. Acho que se torna mais simples quando se mistura com a fantasia, com o imaginário da criança.

**Entrevistadora:** Acho interessante pensar em como a literatura infantil avançou desde quando eu era criança, muito legal a sua fala. Infelizmente, estamos na última pergunta, que é bem concisa, mas muito profunda. Qual livro infanto-juvenil você indicaria, independente da idade do leitor?

**Patrícia:** Eu gosto muito de Lispector, então recomendo o livro "A mulher que matou os peixes" e o conto "A galinha", que pertence a obra "Laços de Família". Gosto muito também da Rita Lee, do livro dela chamado "Amiga Ursa", que é interessante por falar da causa animal. Eu poderia recomendar vários outros, mas esses já são muito bons e retratam temáticas como perda, morte e afins.



Livros indicados por Patrícia Lessa

**Entrevistadora:** Muito obrigada pela entrevista, Patrícia! Aliás, eu amo “A galinha”. Foi muito gratificante essa conversa.

**Patrícia:** Eu que agradeço e parabéns, siga sempre estudando.

# FIQUE DE OLHO!



Por: Nickolas de Angelo Sugarava da Silva

Em nossas recomendações desta edição, trouxemos um evento, um conto, um dossiê e um livro infantil: diferentes caminhos para nos mantermos engajados em nossa luta.

## \* Evento "I Diálogos de literatura infantil e juvenil" - UNEMAT/UFU \*

**Sinopse:** Encontro com pesquisadores, artistas, e interessados em literatura infantil e juvenil promovida pela Universidade do Estado de Mato Grosso e pela Universidade Federal de Uberlândia, de forma on-line. Realizado em julho deste ano, as palestras de abertura de cada dia do encontro estão disponíveis no YouTube, trazendo à tona interseccionalidades históricas, decoloniais, e anti capacitistas.

### **Abertura do 1º dia disponível em:**

<https://www.youtube.com/watch?v=9rMBtEeNDBc&t>

### **Abertura do 2º dia disponível em:**

<https://www.youtube.com/watch?v=Khr9gyQrkGE>

### **Abertura do 3º dia disponível em:**

<https://www.youtube.com/watch?v=fYOmSbRpO-U>

## \* Conto "Nós choramos pelo Cão-Tinhoso" \*

Em referência direta ao moçambicano Luís Bernardo Honwana, esse conto pelo angolano Ondjaki retrata a experiência da leitura em sala de aula, especificamente trazendo para debate um subtexto também presente no texto referenciado: masculinidades e violência. Nesse favorito pessoal fica também nosso desejo que Ondjaki e Honwana se tornem clichês na cabeça de todo leitor lusófono.

\* **Dossiê "A literatura infantil na educação em direitos humanos: fundamentos e ideologia", pela Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos.** \*

**Data de publicação:** 25/06/2021

Com textos produzidos de pesquisadores interessados em diferentes perspectivas, incluindo Filosofia, Direito, Educação, e Comunicação, a edição traz provocações importantes para se pensar a literatura infantil como um direito humano, fundamental na construção de cidadãos plenos, capazes de reconhecer opressões de gênero, raça, classe, etc., ao mesmo passo que ela também não é, como um fim, uma ferramenta utilitarista, embora possa ser utilizada como meio de domesticação do outro.

**Disponível em:**

<<https://www2.faac.unesp.br/ridh3/index.php/ridh/issue/view/2>>. Acesso em 20/09/2024.

\* **Livro "O Mundo de Ocikomo"** \*



Fonte: Site Emó Editora

**Autor:** Henrique André

**Editora:** Emó Editora

**Formato:** Capa comum, 52 páginas

**Sinopse:** "O mundo de Ocikomo é colorido e diverso". Nesse livro pelo autor Henrique André, acompanhamos com grande sensibilidade um pouco do mundo pelos olhos de um garoto dentro do TEA, Ocikomo, palavra em Umbundu que significa "mágico", apresentando para adultos e crianças de forma lúdica a experiência infantil neurodivergente através de uma lente positiva, porém não cega às adversidades.



## Escolas Emergenciais: Um paralelo entre a escola da revolução francesa e a virtualização escolar na pandemia.

Lohana Soares Passos<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo principal oferecer um panorama comparativo de dois grandes eventos históricos que afetaram diretamente o modelo escolar. O recorte de análise abarca, em primeiro lugar, a Revolução Francesa e a proposta do Condorcet para adaptar a população à mudança política, e, a partir disso, analisar sob uma lente mais teórica os impactos causados pela pandemia da COVID-19, cujo efeito foi, entre outros muitos, uma adaptação emergencial e apressada do ensino público. Deste modo podemos delinear não só as grandes mudanças, mas as consequências de ambos acontecimentos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pandemia. Revolução Francesa. Educação. Reforma. Condorcet.

### Introdução

Condorcet, como normalmente é conhecido Nicolas Condorcet (1743–1794), foi um filósofo e matemático francês e revolucionário do século XVIII, cuja maior contribuição intelectual se deu nas teorias políticas e educacionais, como observado na obra Instrução pública e organização do ensino. Para Condorcet, a educação é um direito de todos, independente do gênero, laica, gratuita e deveria desenvolver os talentos individuais. A escola, por conseguinte, seria um ambiente propício para a promoção da democracia, principalmente durante o panorama instaurado pela Revolução Francesa.

Levada em conta a situação da França durante a Revolução Francesa, a finalidade central do projeto pedagógico proposto por Condorcet pretendia contextualizar à população o dever do poder público, levando a nível nacional os valores democráticos, promovendo, assim, a unificação cultural francesa e, portanto, formar um povo para a revolução e para o novo modelo político-social estabelecido. Por outro lado, no período de 2020–22, houve uma espécie de 'revolução tecnológica'. A virtualização geral de ambientes tornou-se dominante, seja no mundo do trabalho, seja no educacional.

<sup>1</sup> GRADUANDA E LICENCIANDA EM FILOSOFIA PELA USP. E-MAIL: LOHANA.PASSOS@USP.BR

O indivíduo está virtualizado, e a tendência, acelerada pela crise sanitária, é o crescimento da tecnologia de maneira imensurável quanto seu limite. Afinal, ainda é um tanto nebulosa a questão de quanto a educação irá se fundir com a tecnologia, pois se vê um crescimento significativo tanto na preferência pelo ensino à distância quanto na modalidade 'homeschooling'<sup>2</sup>.

A pandemia da COVID-19 forçou uma mudança drástica na educação durante dois anos, e o atual retorno ao modelo presencial de ensino tem demonstrado as cicatrizes de um sistema falho e, principalmente, defasado quanto às necessidades da sociedade atual. Por outro lado, em comparação, a escola da revolução francesa passou por um período emergencial de adaptação à sociedade, neste caso, para preparar o povo para uma reforma política.

O plano educacional de Condorcet não concerne a um modelo educacional definitivo, mas, sim, a um princípio instituinte às mudanças geradas pela Revolução Francesa. Em outras palavras, pode-se dizer que a escola proposta teria um caráter emergencial, a fim de formar o "*homem novo*" conforme o novo modelo político da França. O conceito de escola emergencial já não é mais estranho ao mundo; o romper da pandemia da COVID-19 impôs uma adaptação da educação apressada e a urgência do ensino remoto para ao menos tentar manter o nível de aprendizagem, em um país como o Brasil, reverberou num cenário caótico e decadente.

Em ambos os momentos, pode-se observar a característica comum do apressamento da reforma em um ambiente sem recursos. A construção do homem novo, tanto no século XVIII quanto atualmente, apresenta planos que fazem jus ao seu tempo, porém contam com uma execução ao relento na esperança de que venha a dar certo. Por outro lado, reformas educacionais deste calibre acabam por evocar problemas substanciais para a população mais necessitada deste direito e, mesmo com políticas públicas, é quase inevitável a precariedade em que as instituições públicas se encontram.

Dada a situação da estrutura educacional nestes recortes temporais, estabeleceremos um paralelo entre os dois momentos históricos. Assim, através da narrativa de Condorcet, poderemos ter um vislumbre circunstancial da França revolucionária, a construção da escola moderna e o projeto do homem novo, e a partir desta informação faremos uma dupla análise: a primeira para caracterizar o método disposto na obra Instrução pública e organização do ensino como uma medida emergencial, e que, portanto, deveria ser temporário — algo que não acontece, uma vez que no Brasil ainda é um modelo educacional predominante. A segunda análise, por sua vez, fará um paralelo entre as medidas de Condorcet e as que foram tomadas durante a pandemia do coronavírus nas escolas públicas, já que ambas tiveram um caráter emergencial e de poucos recursos.

<sup>2</sup> Homeschooling, traduzido livremente para "ensino doméstico", é o método educacional situado em casa e não em uma escola, ou instituição preparada para este fim.

<sup>3</sup> Doutrina educacional, que surgiu durante o iluminismo no século XVIII, com a finalidade de universalizar o acesso ao conhecimento do indivíduo.



O recorte feito para esta análise se dá em duas obras e dois artigos: como base, serão utilizados os quatro primeiros capítulos da obra *Instrução pública e organização do ensino*, para que se tenha uma fundamentação teórica clara da escola moderna com auxílio da análise de Carlota Boto em *A escola do homem novo: entre o iluminismo e a revolução francesa*. Por fim, para a visão acadêmica sobre o problema educacional da crise sanitária, serão usados dois artigos: *Direito ou privilégio? Desigualdades digitais, pandemia e os desafios de uma escola pública*, de Renata M. Mourão e *Homeschooling: o reverso da escolarização e da profissionalização docente no Brasil* de Camargo e Rosa.

A análise proposta será desenvolvida em três partes: em um primeiro momento, será desenvolvida a escola do homem novo e estudada sua caracterização como emergencial; em seguida, se dará a investigação dos efeitos do ensino à distância na pandemia no Brasil e se há necessidade de uma instituição física para a educação. Por fim, faremos um paralelo entre as circunstâncias do século XVIII e o período de 2020–22, para que sejam postulados os efeitos de mudanças súbitas e urgentes no ensino e como isso acarreta consequências profundas nos métodos educacionais.

### **A Escola do Homem Novo e a Nova Escola Moderna.**

Nesta seção do estudo da reforma pedagógica proposta por Condorcet, faremos uma análise dos meios e soluções descritos em *Instrução pública e organização do ensino*, a fim de sabermos se de fato há uma preocupação com a acessibilidade à educação a longo prazo, ou se a fácil aproximação do indivíduo ao conhecimento seria, para o filósofo, apenas algo que urge ao momento revolucionário. Ainda postularemos que, caso efêmero, o plano disposto é passível de adaptação e ampliação podendo, assim, acompanhar os avanços da sociedade e sua demanda de formação.

A começar por seu modelo: Condorcet inicia seu projeto de educação por contextualizar o dever do poder público, vista a Revolução recém-verificada na França, uma vez que para uma revolução construída para uma nação há a necessidade da formação de um povo para esta reforma política, de modo que o movimento se encerre, a mudança se sustente. A educação, como fator essencial de bem-estar social e plataforma ética norteadora, é dever justo do Poder Público ao nível nacional.

Para ampliar o alcance da educação e, desta maneira, unificar um território fragmentado político, educacional e economicamente, dá-se certa ênfase a comunicação clara através da unificação da linguagem, neste caso a francófona. Dada esta necessidade, se torna imperial a universalização da educação através do oferecimento gratuito. Assim a educação será a máxima possível, com a possibilidade de extensão aos que receberam sua base e, por conseguinte, haveria um estabelecimento de norma culta da linguagem, sendo esta unificadora da nação. Não só isso, a educação tem a função de ser permanente na vida do indivíduo, para conservar e ampliar o conhecimento, porém, com o método avaliativo sendo a natureza de talentos, para que estes sejam desenvolvidos na finalidade de ampliar o ensino a todos os cidadãos, independente de um filtro etário ou capacitista.

Vale ressaltar a independência entre o ensino e o poder público, sendo aquele, então, subalterno somente à Sociedade Nacional das Ciências e das Artes<sup>4</sup>, formada pela elite intelectual da época. Sendo assim, o ensino tem um caráter doutrinador livre.

Na obra, o filósofo delimita o ensino em cinco níveis, em caráter hierárquico, porém com uma visão provisória. Ou seja, a subordinação escalar das fases educacionais é resultado da falta de verba diante da situação econômica, que dificultava a universalização do ensino gratuito e didático. Todo este percurso pode ser observado já no primeiro capítulo:

“Facultar a todos os indivíduos da espécie humana os meios de proverem às suas necessidades, de conseguirem o seu bem-estar; assegurar a cada um este bem-estar, torná-lo cômico defensor dos seus direitos e esclarecido cumpridor dos seus deveres; garantir-lhe a facilidade de aperfeiçoar a sua indústria, de se habilitar para o desempenho de funções sociais a que tem o direito de ser chamado, de desenvolver completamente os talentos que recebeu da Natureza; estabelecer entre os cidadãos uma igualdade de facto e realizar a igualdade política reconhecida pela lei, tal deve ser o primeiro objectivo duma instrução nacional e, sob , este aspecto, ela é para os Poderes Públicos, um dever de justiça.” (CONDORCET, 1943, p. 05)

Os cinco níveis educacionais se dividem em a) Escola Primária, hoje correspondente ao Ensino Fundamental I, b) Escola Secundária, hoje correspondente ao Ensino Fundamental II, c) Instituto, ou Ensino Médio, d) Liceu ou Superior e, por fim, e) Sociedade Nacional. Dado o recorte deste estudo, analisaremos somente os três primeiros, que são denominados atualmente como “Ensino Básico”.

### **a) Primário**

A escola primária, seria a única etapa universal da educação, englobando somente o que seria necessário para que o indivíduo pudesse gozar da plenitude de seus direitos civis e suas áreas profissionais. Assim, a instrução teria o poder de capacitar o cidadão, independentemente de seu gênero, a exercer seu poder político, e também possibilitar a ocupação de cargos e funções governamentais. Deste modo, fica ajustada a necessidade de uma escola com classes sem distinção etária e um professor, em todo agrupamento populacional com 400 habitantes. O curso primário dura 4 anos, com finalidade principal da aprendizagem linguística, visando sua unificação, além de noções aritméticas, regras para medir terrenos, entre outras habilidades fundamentais para a formação cidadã. Assim, o indivíduo se torna apto e letrado para o convívio social, e capacitado para o trabalho.

<sup>4</sup> A Sociedade Nacional das Ciências e das Artes é o nível mais elevado de instrução no projeto de Condorcet. A sua função cabe à instrução indireta dos institutos educacionais, decidindo os conteúdos e metodologias usadas. A Sociedade Nacional seria também responsável por aplicar e divulgar descobertas úteis aos homens, nos ramos da Matemática, Ciências Morais e Políticas, Artes Matemáticas e Físicas e uma classe gramática, as letras, as artes recreativas e a erudição.

Ainda pensando na geração que não teve oportunidade de frequentar o primário, é prevista uma Conferência Pública semanal, por parte dos professores do primário e secundário, com a finalidade de difundir o conhecimento primordial da moral e dos direitos democráticos. Condorcet ainda destaca a primazia do cultivo da constituição como fruto da natureza da razão, ao invés de ditatorialmente, como 'tábuas que desceram do céu', com um poder tal que se deve adorar e crer. É possível concluir, portanto, que além de universal, unissex e independente, o ensino é laico. A consciência da racionalidade por trás do direito à cidadania garante a sua veracidade e evita que os acordos legislativos se tornem, na visão do aprendiz, abstrusos e sem razão. Fica subentendido, por meio das matérias a serem tratadas no nível mais básico de instrução, que o objetivo seria uma instrução de conduta social e cívica, que independe da idade e que, como exaltado pelo autor, oferece material didático para promover a formação de pessoas boas e justas. A educação também se imporia através das festas nacionais, nas quais são lembradas as conquistas e avanços histórico-políticos.

Deste modo, se faz fundamental uma metodologia simples e acessível para que a nação recém revolucionada se regenere de maneira politizada e conhecedora de sua capacidade cidadã.

### **b) Escola Secundária**

A escola secundária é destinada às crianças cujas famílias têm condições para renunciar por um maior tempo à sua atividade laboral, entregando-o a uma educação mais larga. Dado este filtro social, ficava planejado que as escolas secundárias seriam para regiões a cada 4.000 habitantes. Sendo algo de maior aprofundamento, o currículo disporia de noções de matemática, história natural, química, artes e maior desenvolvimento das ciências morais, sociais e voltadas ao comércio. Este estudo tem caráter mais observável, progressista e com maior poder de equilíbrio na balança social, diminuindo as distâncias intelectuais e econômicas.

" [...] Este grau de instrução [Ensino Secundário] pode ainda, sob certos aspectos, ser considerado como universal, ou, mais propriamente, como necessário para estabelecer, no ensino universal, uma igualdade absoluta.[...]" (CONDORCET, 1943, p. 45)

O parecer da instituição secundária dá a sensação de um estudo independente por parte do aluno, o que daria espaço tanto aos privilegiados quanto aos operários no quesito de aprendizagem. Outro ponto marcante é que o aprendizado tem de ser executável, prevenindo sua atrofia, e mantendo seu constante aperfeiçoamento e evolução nas funções diversas da sociedade. Isso despertará a curiosidade e acompanhará os avanços científicos, além de incentivar o gosto pelo trabalho

### **c) Institutos**

“O terceiro grau abarca os elementos de todos os conhecimentos humanos.[...]”<sup>5</sup>, ou em outras palavras, o ensino nos institutos iria para além da informação básica para o homem quanto cidadão e trabalhador, mas por uma lente humanista, ver-se-á o ensino como o dever de engrandecer o estudante no ramo das profissões nos institutos. Ali se verão as ciências teóricas, naturais e militares e com ênfase nos ensinamentos matemáticos - uma visão um tanto quanto cartesiana da fomentação epistêmica. Logo, o modelo filosófico dos liceus medievais é abandonado, e tomado por um modelo moderno de ordem do conhecimento, com a valorização das ciências naturais e exatas.

Vê-se nestas definições a influência clara do momento histórico em que a proposta de Condorcet foi gerada; a declaração dos direitos humanos e a urgência de uma preparação do povo para o novo regime era vitalmente ligada à instrução acadêmica básica. A preocupação ainda iria além do letramento nacional, fundamentando-se no conhecimento político para que os cidadãos franceses tivessem o poder crítico sob a constituição e a capacidade de julgar o sistema. Carlota Boto pontua cirurgicamente a característica onde “[...] A regeneração proposta para a pátria não teria como alicerce nem mesmo a dogmática lei.[...]” (Boto, 1996, p. 122), sendo assim, o currículo escolar seria subalterno somente a elite intelectual.

Ainda que o plano pareça promissor, a falta de estrutura financeira e material para o estabelecimento deste novo tipo de escola era um, senão o maior, dos empecilhos de execução. Apesar da preocupação com a formação cidadã e com o código de conduta básico através da unificação da língua, o pragmatismo era elemento central a obrigatoriedade da de educação, podendo-se identificar uma característica emergencial com o objetivo de a) fundamentar um patriotismo republicano constitucional, e b) recuperar a economia abalada através da instrumentalização do indivíduo.

As aulas magnas dominicais, portanto, só serviram como preparatórias à população adulta quanto a reforma política; neste ponto da história se repete a educação, com uma proposta de ascensão acadêmica, mas que, na prática, dada a precariedade, só se vê capaz de produzir mão de obra. Eis então o que fundamenta o projeto de Condorcet como emergencial: o reerguer da pátria apressadamente através da instrumentalização camponesa para que esta classe possa tanto ser força laboral quanto cooperativa a revolução, enquanto esta se consolida, numa tentativa de estabilização.

### **A Escola Pandêmica e seus efeitos.**

A escola moderna, apesar de sua característica provisória, vigorou até os dias atuais. O sistema hierárquico de progressão, ainda que menos afinado, se faz presente e tão pouco flexível quanto a hierarquia professor-aluno, que não se adapta às adversidades mundiais, como aconteceu durante a crise sanitária de 2020. Dadas as circunstâncias da pandemia, o modelo adotado emergencialmente foram as aulas online via diversas plataformas, cujas estruturas atendiam somente reuniões breves e corporativas, mas que acabaram se tornando uma espécie de sala de aula estendida.

<sup>5</sup> CONDORCET, p. 23, 1943

A escassez de estrutura digital em si já era um grande problema: a princípio, as plataformas possuíam acesso limitado de tempo por chamada, alongadas pelas dificuldades de acesso dos docentes e discentes. Em seguida, a falta de contato com o tipo de tecnologia transformou o acesso e manejo dos sites em uma adaptação vagarosa. Tudo isso agravado pela falta de acesso a dispositivos, internet e ambientes adequados ao estudo.

Principalmente para os estudantes de instituições públicas, as dúvidas do ensino remoto surgiam a todo momento. Esses estudantes teriam acesso à internet e aos dispositivos de acesso? A rede de ensino forneceria este tipo de material? Como migrar o método prático herdado da escola moderna para o ambiente virtual? O desafio do acesso à tecnologia por parte do ensino básico não é recente; a desigualdade digital acompanha também a estratificação social e, conseqüentemente, atinge principalmente a rede pública. E por mais que o governo paulista tenha implementado o Centro de Mídias do Estado de São Paulo (CMSP), o acesso orientado para os conteúdos ainda era dificultado. Afinal, como as famílias sem acesso digital algum teriam a informação dos horários de aulas, ou sobre as atividades requeridas pelos professores com base nas videoaulas transmitidas?

“[...]Além do acesso à internet e da posse de equipamentos digitais adequados, o chamado letramento digital também é desigual na sociedade brasileira, de modo que nem todos os usuários têm intimidade com as novas tecnologias para saber manejá-las corretamente (Rezende, 2016). Os usos são muito diversos e relacionam-se com diferenças ligadas à escolaridade, ao capital cultural, à idade, ao tipo de inserção profissional, entre outras variáveis.[...]” (MACEDO, 2021, p. 266)

A antropóloga Renata M. Macedo em sua pesquisa sobre a carência de acesso às aulas virtuais (2021), retrata profundamente a discrepância educacional acentuada durante a pandemia. O ensino público, já muito sucateado, se via agora em uma situação mais precária, já que nem mesmo aos alunos conseguiria chegar. A adaptação emergencial da escola durante a pandemia se saiu muito mal. Os efeitos saltam aos olhos: o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) teve cerca de 55,3% de abstenção; nos anos iniciais, 54,73% dos alunos do 3º ano do fundamental tinham conhecimento insuficiente de leitura, e outros 33,95% tinham grandes dificuldades com a escrita. Apesar do avanço tecnológico muito desejado, e agora forçado pela crise sanitária, o efeito colateral acabou sendo um retrocesso educacional inevitável.

Por outro lado, a crise educacional somente agravou a imagem já desgastada da representação de escola para a população. Ora, se já era considerada obsoleta por seu conteudismo e métodos de avaliação, agora baqueada pela pandemia, se tornava ainda pior: inadapável até mesmo à tecnologia.

<sup>6</sup> O CMSP foi uma plataforma criada durante a pandemia, para providenciar aulas virtuais durante a pandemia. As aulas eram disponibilizadas de acordo com um cronograma, que dividia por matéria e ano letivo, via youtube, aplicativo e canal de televisão.

<sup>7</sup> Conforme destaca Rezende (2016: 101) citando outras pesquisas na área: “[...] o letramento digital não é somente uma questão funcional de manusear o computador e fazer pesquisas; é necessário saber localizar e selecionar os materiais por meio de navegadores, hyperlinks e mecanismos de procura, entre outros”.

<sup>8</sup> Capital cultural é um termo usado por Pierre Bourdieu (2015) que se refere aos diferentes níveis de escolaridade, acesso a bens culturais e posse de diplomas.

Neste panorama, a ideia do homeschooling alavancou; demonstrada a possibilidade do ensino domiciliar, a ilusão sobre a independência de instituições próprias para a educação ou instrução capacitada se tornou mais palpável no panorama neoliberal. Em suma, a pandemia não só agravou o desenvolvimento dos alunos do ensino básico público, mas também reforçou a bolha da educação em domicílio e sem preparo.

O despreparo do homeschooling reverbera também no crescimento de douda-ignorância (Nicolau Cusa, 2012), e, portanto, causa a adoção por parte do aluno de opiniões discriminatórias quanto aquilo que existe e vai contra seu conhecimento. Outro agravante é a implicação de que qualquer pessoa, sem formação, pode lecionar — ponto este que Condorcet fortemente criticava, inclusive recomendava uma espécie de formação docente para dar aulas, ainda que no ensino básico. As professoras da Universidade Federal do Tocantins, Ana Claudia Ferreira Rosa e Arlete Maria Monte de Camargo, destacam bem este fenômeno no artigo Homeschooling: o reverso da escolarização e da profissionalização docente no Brasil: “[...] O movimento pela regulamentação do ensino domiciliar vem incidindo sobre os direitos à educação e à profissionalização docente. [...]” (ROSA; CAMARGO, 2020, p. 5).

O modelo emergencial imposto durante o surto mundial de COVID-19 teve efeitos quase irreversíveis. Fora a defasagem substancial do letramento de crianças e adolescentes, o crescimento do movimento conservador de homeschooling é preocupante. Ainda que o ingresso da tecnologia e a obrigação do letramento digital para os alunos seja da maior importância para o desenvolvimento futuro e a adaptação da escola às demandas do mundo.

[...] Entre o final do século 18 e meados do século 20, a escolaridade obrigatória é vista como um mecanismo corretor das desigualdades de fortuna, portanto, como um instrumento de equalização social, de igualdade de oportunidades. O ensino doméstico poderia representar, nesse sentido, um regresso. No caso brasileiro, a prática permanece na semi-legalidade, posto que não há qualquer regulamentação da matéria. Toda a justificativa que se tem dado - inclusive relativa ao âmbito jurídico - diz respeito às omissões e lacunas da legislação vigente. [...]” (BOTO, 2018,n.p.)

Em suma, as cicatrizes da instauração do regime à distância emergencial na pandemia e a revolução tecnológica educacional são irreversíveis. Porém, apesar dos contras e defasagens, a inovação do período traz vantagens ao modelo educacional da Escola Moderna.

## A Escola do Homem Novo de ontem e hoje.

Dispostas as características das escolas emergenciais e sua aplicação na sociedade, proponho aqui um paralelo de semelhanças que irá definir a escola de Condorcet como de fato emergencial.

<sup>9</sup> O termo douda-ignorância é aqui utilizado sob o sentido onde num determinado ambiente de aprendizado se vê vinculada a não-superação do estado de desconhecimento.

Trazendo à luz ambos os casos, podemos afirmar que o movimento social perante a necessidade imperial de adaptação aos “novos tempos”, tornou as necessidades emergenciais o cerne da formação dos estudantes e, portanto, o guia do método utilizado. O problema quanto a esta tomada de decisão súbita se refere justamente a organização de recursos, além das necessidades reais da população estudantil.

Ora, a Revolução Francesa necessitava urgentemente que sua população a compreendesse e a adotasse, de modo que estabelecesse as mudanças na política do país em definitivo. Visando o ideal iluminista do homem novo, a escola de Condorcet tentou equilibrar dois polos: a) o homem trabalhador e letrado, que reergue a economia e compreende o panorama político, podendo efetivar seus deveres e direitos cidadãos; e b) o homem intelectual, conceituado nas mais diversas áreas com a finalidade de produzir conhecimento científico para a nação. De todo modo, para toda esta construção do currículo nacional da educação básica, era cabal uma grande massa de professores e instituições, além de financiadores, que acompanhassem de fato a evolução do plano e findasse na aderência total da população ao modelo educacional. É inegável que o processo não foi dos mais sucedidos, visto que apesar de um crescimento no letramento francês e a unificação linguística do país, o modelo político do país voltou ao imperialismo em 1804.

Ainda assim, os efeitos da escola moderna perduraram por toda a trajetória da educação, perdendo protagonismo somente durante o movimento da “Escola Nova”, no século XIX. O esquema conteudista de ensino, a disposição das salas de aula, e inclusive a expectativa da relação professor-aluno são efeitos diretos do modelo sugerido por Condorcet no século XVIII. Do mesmo modo, pode-se tomar como reflexo a formação focada na língua portuguesa, matemáticas e habilidades básicas para o trabalho, e ainda o afunilamento do número de estudantes durante os anos de ensino, principalmente depois do ensino médio, reverberando na elitização do desenvolvimento acadêmico.

Por outro lado, ainda que recente, o sistema de aulas à distância já tem demonstrado suas sequelas. É finalmente reconhecível a relação entre homem e tecnologia, e trazido a parceria entre o tradicionalismo herdado na sala de aula com a revolução tecnológica do século XXI. Apesar da dura implementação do sistema de aulas online, o período pandêmico produziu não só uma independência do aluno para o desenvolvimento de seus próprios interesses acadêmicos, como também flexibilizou o modelo de aprendizagem, ampliando as opções de como se deve aprender.

De todo modo, a emergencialidade da pandemia provocou uma queda significativa na formação e a impressão de independência sobre o local de ensino. Por mais que o tempo limitado de aula e a comodidade de se estar em casa tenha gerado uma autonomia do aluno para com o conteúdo disposto pelo professor, é inegável a necessidade de tutores preparados e ambientes propícios para a orientação dos alunos, vide tal sentimento geral de despreparo, refletido na queda de candidatos para o vestibular. Sendo assim, mesmo com o bônus da virtualidade educacional e o avanço das plataformas digitais para a formação, o ônus social e intelectual da isolamento do aprendizado, transformando numa dinâmica aluno-aluno se põe muito maior.

<sup>10</sup> O Movimento da Escola Nova teve seu início no século XIX. Os pensadores ‘escola novistas’ criticavam o modelo passivo e hierárquico herdado da escola moderna, e propunham uma educação onde o professor se adaptasse às necessidades intelectuais da criança.

A adaptação do homem novo aos novos tempos é árdua, principalmente na educação. Contudo, dado os exemplos utilizados neste trabalho, não deve ser de modo algum com emergencialidade. A aplicação súbita de novos valores em meio a revoluções pouco apreendidas pelos inseridos e tomadas como ordinárias, acarretam efeitos seríssimos no sistema educacional e que custam a ser superados. De todo modo, a escola do homem novo no século XXI precisa ser feita em diálogo, categoricamente, se entrincheirado nas necessidades contemporâneas.

### **Considerações Finais**


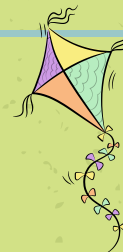
Levados em consideração os pontos abordados neste trabalho, podemos concluir a propriedade emergencial dos estilos institucionais de ensino da pandemia e de Condorcet. Ainda que o paralelo postulado possua certa abstração quanto ao entendimento de como se aplica, acredito que haja uma certa semelhança entre os dois marcos históricos.

A emergência aqui não é em si uma característica negativa, mas sim um sintoma de avanço. Na Instrução pública e organização do ensino vemos claramente um plano estrutural, que dado o contexto de aplicação foi muito bem adotado, e possui uma excelência grandiosa para sua finalidade temporal. Porém, ao não ser levado em conta a situação em que a teoria de Condorcet foi fundada e tornar a adesão irreduzível e perseverante em mais de três séculos causa um desequilíbrio. Como um método tão antigo cabe nos dias de hoje?

Vimos um dos efeitos deste conservadorismo nas dificuldades enfrentadas na pandemia, onde o terreno virtual começou a ser explorado pelas escolas, mesmo de maneira apressada.

A finalidade desta dissertação é, ao fim, um estudo de conscientização para com a educação do futuro, a partir do entendimento da necessidade de inovação minuciosa na área. Afinal, educar é para a sociedade de agora para o futuro, logo os métodos e formatos de escolas não devem se conter em saudosismos seculares, mas sim avançar conforme as necessidades manifestas nos alunos e seus ambientes.





## A PROMOÇÃO DA REPRESENTATIVIDADE E IDENTIDADE CULTURAL NA LITERATURA INFANTIL: “O MUNDO DE OCIKOMO”


MICHELE CAMPOS

Lançado oficialmente na 27ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, “O mundo de Ocikomo”, do escritor e ilustrador Henrique André, explora a magia do universo de uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e o protagonismo do personagem negro. Na língua Umbundu, que tem suas raízes nos idiomas sul-africanos zulu e xhosa, “Ocikomo” significa mágico, uma escolha assertiva para descrever a forma única como a criança com TEA significa o mundo ao seu redor.

Nascido na zona leste de São Paulo, Henrique começou a escrever poemas aos 12 anos de idade e em 2019 lançou seu primeiro livro. Suas obras difundem a literatura afroreferenciada que tem como características o protagonismo de personagens negros(as) e todos os nomes próprios homenageando a cultura africana. Incentivado por uma amiga pedagoga, Henrique André começou a escrever livros infantis sobre afrofuturismo\*. Seu livro “Afrofuturo ancestral do amanhã” está na lista da revista Crescer como um dos 30 melhores livros infantis de 2023.

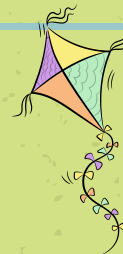
O afrofuturismo na literatura infantil é fundamental para promover representatividade e diversidade. Ele oferece às crianças negras narrativas que refletem suas culturas, histórias e identidades, além de imaginar futuros nos quais elas são protagonistas. Essas histórias estimulam a criatividade e a imaginação, permitindo que os(as) jovens leitores(as) vejam a si mesmos como heróis e heroínas em mundos fantásticos e inovadores. O afrofuturismo também desafia estereótipos e proporciona uma nova perspectiva sobre a história e a ciência, promovendo um entendimento mais amplo das contribuições africanas e da diáspora.

Em “O mundo de Ocikomo”, o autor expande as discussões sobre identidade e pertencimento com uma história leve que explora o potencial da literatura infantil para desconstruir estigmas sobre a criança autista. Com ilustrações que cativam tanto crianças quanto adultos, o livro mostra que as manias são bem-vindas, pois fazem parte da individualidade e todos somos seres únicos. Embora alguns momentos possam ser mais difíceis do que outros, o amor é a chave para superar os obstáculos e promover um futuro mais inclusivo e igualitário.

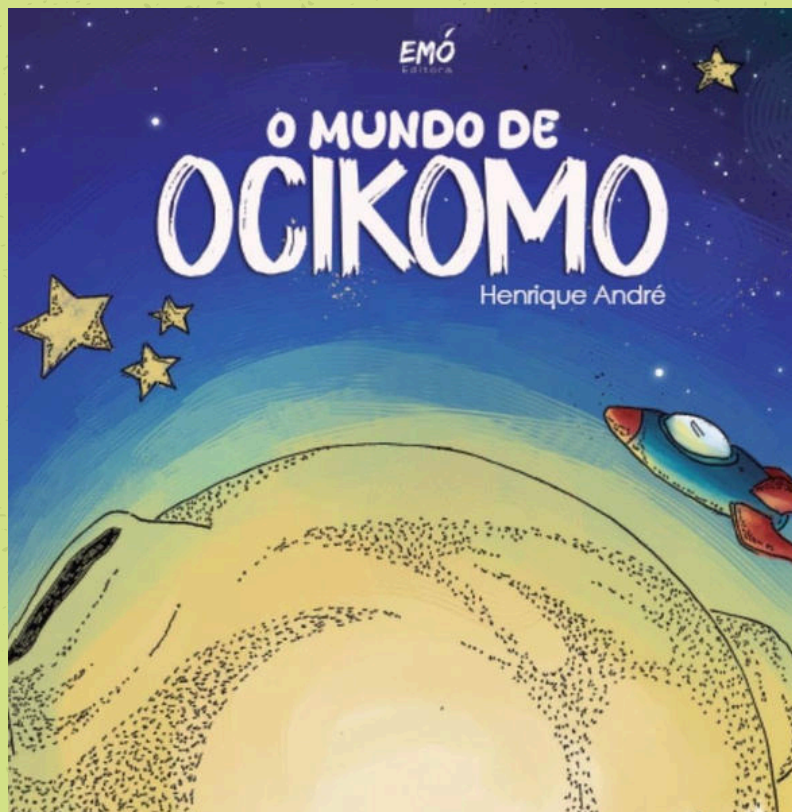


**\*Obras de ficção científica em que são criados outros futuros para as populações negras.**





Além disso, o livro é uma ferramenta interessante para promover a inclusão e a compreensão das diferenças no ambiente escolar de maneira acessível e envolvente. O autor conseguiu articular temas transversais em uma história com elementos de fantasia e aventura que proporcionam uma representação positiva e rica das experiências afro-brasileiras e da neurodiversidade, incentivando o respeito e a valorização da diversidade. Assim, a literatura infantil afrofuturista não só empodera, mas também inspira uma nova geração a sonhar grande.



CAPA DO LIVRO





**PARTICIPE,**

**A REVISTA**

**É SUA!**

**Queremos saber o que você  
está achando da nossa revista**

Envie sua sugestão, elogio, crítica ou outros  
comentários para o e-mail:

[revista.futuro.preterito@gmail.com](mailto:revista.futuro.preterito@gmail.com)

